

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CENTRO DE PESQUISAS AGGEU MAGALHÃES
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM SAÚDE PÚBLICA**

ANDRÉA MARIA LAGES GOMES DE ALMEIDA

**PREVALÊNCIA DA VITIMIZAÇÃO FÍSICA E
FATORES ASSOCIADOS À VIOLÊNCIA ENTRE
NAMORADOS ADOLESCENTES DA
CIDADE DO RECIFE, 2008**

**RECIFE
2010**

ANDRÉA MARIA LAGES GOMES DE ALMEIDA.

**Prevalência da vitimização física e fatores associados à violência entre
namorados adolescentes da cidade do Recife, 2008**

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado Acadêmico em Saúde Pública
do Centro de Pesquisas Aggeu
Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz
como requisito parcial para obtenção do
grau de mestre em ciências.

Orientadora: Maria Luiza de Carvalho Lima.

Co-orientadora: Joviana Avanci

RECIFE

2010

Catálogo na fonte: Biblioteca do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães

A447a Almeida, Andréa Maria Lages Gomes de.

Prevalência da vitimização física e fatores associados à violência entre namorados adolescentes da cidade do Recife, 2008/ Andréa Maria Lages Gomes de Almeida. — Recife: A. M. L. G. de Almeida, 2010.

98 f.: il.; tab, quadro.

Dissertação (Mestrado acadêmico em saúde pública) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, 2010.

Orientadora: Maria Luiza de Carvalho Lima. Co-Orientadora: Joviana Avanci.

1. Violência. 2. Prevalência. 3. Adolescência. 4. Fatores associados. I. Lima, Maria Luiza de Carvalho. II. Avanci, Joviana. III. Título.

CDU 316.624

ANDRÉA MARIA LAGES GOMES DE ALMEIDA

**Prevalência da vitimização física e fatores associados à violência entre
namorados adolescentes da cidade do Recife, 2008**

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado Acadêmico em Saúde Pública do
Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães,
Fundação Oswaldo Cruz como requisito
parcial para obtenção do grau de mestre em
ciências.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Dr^a Maria Luíza de C. Lima
Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães/FIOCRUZ

Dr. Gilliatt Hanois Falbo Netto
IMIP – Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira

Dr^a Giselle Campos Gouveia
Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães/FIOCRUZ

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado a oportunidade e o amadurecimento para entrar nesse campo.

A minha família, mãe, pai, esposo e filhos, tias, que me suportam nas horas difíceis, como a privação de algumas inúmeras horas de laser e comemoração nas horas de sucesso.

A orientadora, amiga, companheira, conselheira Maria Luiza de Carvalho Lima, por todo o apoio desde o primeiro encontro, que me referi, 'um presente de Deus', por acreditar que seria capaz.

A todos os professores do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães, especialmente Idê Gurgel, Eduarda Cesse, Rejane Ferreira, Fátima Militão, Cynthia Braga, Djalma Agripino e Giselle Campos Gouveia, pelo acolhimento, aconselhamento e contribuição na aprendizagem.

Em especial Fábio Lessa (in memoriam), que tive a oportunidade de trabalhar e aprender, deixando a lembrança viva de persistência, além de uma imensa luta pela vida.

A Professora e Co-orientadora Joviana Avanci, por ter me aceitado e aconselhado nas diversas etapas. Pela troca de experiências e também pelo rico campo de pesquisa.

Aos pesquisadores do CLAVES (Centro Latino americano de Estudos em Violência e saúde Jorge Carelli), pelo apoio para a realização deste trabalho e disponibilidade de acesso aos dados que fundamentaram esta dissertação.

Aos meus amigos particulares Alcieres Martins, Márcia Ribeiro e Jailson Lopes por terem me possibilitado e de alguma forma, facilitado essa alegria de contribuir com a Saúde Pública.

A minha amiga, Mônica de Melo, pelo carinho, atenção e colaboração nos diversos momentos e etapas do meu aprendizado.

Aos meus amigos do mestrado e doutorado, especial Raphaela Delmondes, Eduardo Bezerra, Marina Assis, Romero Henrique, Joanna D'Arc e Sheila Sotelino pela descontração e aprendizado.

Os amigos do LEVES, em especial Mário Moreira, Marcella Abath, Alice Kelly, Maria Luiza Timóteo, Leila Rameh e Odael, pelas contribuições.

O apoio incondicional da Biblioteca do centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, nas pessoas de Mégine e Márcia.

A Nalva, Sidália, Nilda e Dete por todo o apoio e amizade.

Ao CNPq que através de sua bolsa, possibilitou a realização deste trabalho.

Ao Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães pelo compromisso com a Saúde Pública.

Aos adolescentes namorados do Recife que permitiram a realização do estudo.

QUANDO O CUPIDO TE ATINGIR,
NÃO PERMITAS QUE ALGUMA
VEZ SEJA DESTA FORMA...

NUNCA DEIXES QUE TE
MAGOEM...



ALMEIDA, Andréa Maria Lages Gomes. **Prevalência da vitimização da violência física e fatores associados à violência entre namorados adolescentes do Recife 2008**. 2010. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Saúde Pública) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2010.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi estimar os fatores associados e a prevalência da violência física sofrida entre namorados adolescentes do Recife. O desenho do estudo foi descritivo de corte transversal. A população de estudo foi composta por 366 estudantes de 15 a 19 anos, do 2º ano do ensino médio de escolas públicas e privadas. O questionário possuía 85 perguntas agregadas em blocos: (características sociodemográficas); (atributos individuais e próprios da juventude, relação com os pares, pessoas da escola, vivência na escola e comunidade); (características da experiência de ficar/namorar/transar), (violência sofrida e perpetrada); (relacionamento com pais, irmãos), (violência na família, escola e comunidade). Foram retirados da análise 64 sujeitos por não estarem dentro do critério de inclusão do estudo, resultando em 302 jovens. Para descrição do perfil das vítimas utilizou-se variáveis sociodemográficas e violência sofrida aferida pela escala CADRI (Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory), específica para adolescentes. Para a análise de associação entre as variáveis, aplicou-se o teste do qui-quadrado aceitando-se a probabilidade máxima de erro de 5%. Do total estudado, 19,6% já sofreram algum tipo de violência física, onde a maior prevalência foi encontrada no sexo masculino com associação estatisticamente significativa $p < 0,002$. A violência física sofrida mostrou-se também associada com a violência entre pai (agressão severa e menor $p < 0,004$), mãe (agressão severa e menor $p < 0,001$ e $p < 0,003$), irmãos $p < 0,001$. Com os resultados encontrados podemos concluir que a violência no namoro é um fenômeno muito presente na vida dos jovens, revelando uma prevalência similar aos estudos internacionais, fazendo-se necessário uma intervenção precoce de uma forma educativa para que esses jovens tenham uma interpretação adequada dessas experiências, objetivando a redução desta prevalência, bem como manifestações mais graves.

Palavras-Chave – Prevalência. Violência. Fatores Associados. Adolescência.

ALMEIDA, Andréa Maria Lages Gomes. **The prevalence of victimization from physical violence and factors associated with violence between adolescents who are dating in Recife in 2008**. 2010. Dissertation (Master Academic of Public Health) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2010.

ABSTRACT

The aim of this study was to estimate the prevalence of and the factors associated with the physical violence experienced between adolescent who are dating in Recife. The design of the study was descriptive and cross sectional. The population of the study consisted of 366 students aged between 15-19 years old, from 2nd year of high school drawn from both public and private schools. The questionnaire had 85 questions aggregated into blocks: (sociodemographic characteristics); (individual attributes and those appropriate to young adults, relationships with peers, people from school, experience of life at school and in the community), (characteristics of the experience of going out with someone/ being in love with someone / having a sexual relationship), (violence suffered and perpetrated); (relationship with parents, siblings), (violence in the family, at school and in the community). 64 subjects were withdrawn from the analysis because they are not within the inclusion criteria of the study, resulting in a final population of 302 young people. As to the description of the profiles of the victims, sociodemographic variables were used and the violence suffered was measured on the CADRI scale (Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory), which is specific to adolescents. As to the analysis of association between the variables, the chi-square test was applied, a maximum probability of error of 5% being considered acceptable. Of the total sample, 19.6% had experienced some form of physical violence, the highest prevalence of which was found in males with a statistically significant association of $p < 0.002$. The physical violence suffered also proved to be associated with violence between father (severe and minor aggression $p < 0.004$), mother (severe and minor aggression $p < 0.001$ and $p < 0.003$), siblings $p < 0.001$). With these results we can conclude that violence during courtship is a phenomenon that is very much in young people's lives, its prevalence being shown to be similar to those reported in international studies, thus demonstrating a need to intervene early in an educational way so that these young people may have a proper interpretation of these experiences, with a view to reducing not only this prevalence but other more severe manifestations as well.

Keywords - Prevalence. Violence. Associated Factors. Adolescence

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Modelo para compreensão da violência	24
Figura 2 - Tipologia da violência.....	29
Figura 3 - Mapa da cidade do Recife dividida em Regiões Político Administrativas (RPA's).....	43
Figura 4 - Pirâmide etária da população residente do Recife, 2008.....	44
Quadro 1 - População residente do Recife por faixa etária e sexo, 2008.....	44
Quadro 2 – Escolas divididas por RPA'S da cidade do Recife, 2008	46
Quadro 3 - Distribuição do número de alunos por escolas públicas e privadas da cidade do Recife, 2007.....	48
Quadro 4 - Estudos internacionais e nacionais de prevalência da vitimização física e fatores associados.....	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos dados socioeconômicos dos namorados adolescentes vítimas de violência física. Recife, 2008.....	62
Tabela 2 – Distribuição da estrutura familiar e trabalho dos namorados adolescentes vítimas de violência física. Recife, 2008.....	63
Tabela 3 - Caracterização da auto-estima e violência física sofrida entre namorados adolescentes. Recife, 2008.....	63
Tabela 4 - Distribuição da situação afetiva/amorosa dos namorados adolescentes vítimas de violência física. Recife, 2008.....	64
Tabela 5 - Distribuição das relações amorosas dos namorados adolescentes vítimas de violência física. Recife, 2008.....	65
Tabela 6 - Caracterização da orientação sexual dos namorados adolescentes vítimas de violência física. Recife, 2008.....	65
Tabela 7 - Distribuição das características das atividades afetiva e sexual dos namorados adolescentes. Recife, 2008.....	66
Tabela 8 – Distribuição da dinâmica das relações estabelecidas entre os namorados adolescentes vítimas de violência física. Recife, 2008.....	67
Tabela 9 - Distribuição das características da relação com o par escolhido (a) para responder a escala CADRI segundo sexo. Recife, 2008.....	69
Tabela 10 – Distribuição da prevalência da violência física sofrida entre namorados adolescentes segundo sexo. Recife, 2008,.....	70
Tabela 11 - Itens de violência física sofridos pelos namorados adolescentes. Recife, 2008.....	70
Tabela 12 - Associação da violência física sofrida e violência dos pais ou responsáveis dos namorados adolescentes. Recife, 2008.....	71
Tabela 13 - Associação entre ocorrência da violência física e fatores de risco relacionados à violência sofrida entre irmãos dos namorados adolescentes. Recife, 2008.....	72
Tabela 14 - Associação entre ocorrência da violência física e fatores de risco relacionados à violência sofrida na escola e comunidade entre namorados adolescentes. Recife, 2008.....	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CADRI - Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory

CLAVES – Centro Latino Americano de Estudos em Violência e Saúde Jorge Carelli.

CPqAM - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães

CDC - Centers for Disease Control and Prevention

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

ENSP - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz

LEVES - Laboratório de Estudos em Violência e Saúde

OMS - Organização Mundial de Saúde

RPA - Região Político-Administrativa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Magnitude da violência no namoro entre adolescentes.....	15
1.2 Fatores de risco e de proteção.....	18
1.3 Breves Considerações sobre Modelos explicativos.....	20
2 REFERENCIAIS TEÓRICOS.....	28
2.1 Violência no namoro.....	28
2.2 Adolescência.....	29
2.3 Namoro nos dias atuais.....	31
2.4 A viabilização da violência através do namoro virtual.....	33
3 JUSTIFICATIVA.....	36
4 PERGUNTA CONDUTORA.....	38
5 OBJETIVOS.....	40
5.1 Geral.....	40
5.2 Específicos.....	40
6 METODOLOGIA.....	42
6.1 Desenho de Estudo.....	42
6.2 Área de Estudo.....	43
6.3 População de estudo.....	46
6.4 Critério de Inclusão.....	47
6.5 Critério de Exclusão.....	47
6.6 Definições da amostra e tamanho amostral (realizado CLAVES).....	47
6.7 Variáveis do estudo	49
6.7.1 Variáveis Independentes.....	49
6.7.2 Variável dependente.....	51
7 FONTE DE DADOS.....	53

8 PLANO DE ANÁLISE.....	55
9 PROCESSAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	57
10 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	59
11 RESULTADOS.....	61
12 DISCUSSÃO.....	73
13 CONCLUSÕES.....	78
REFERÊNCIAS.....	80
APÊNDICE A - Prevalência da vitimização da violência física.....	90
ANEXO A - CADRI.....	94
ANEXO B - Carta de anuência.....	96
ANEXO C - Parecer CEP.....	97

“A violência, seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota”

Jean-Paul Sartre

1 INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

1.1 Magnitude da violência no namoro entre adolescentes

A violência nas relações de namoro entre adolescentes é considerada como um problema de saúde pública tendo em vista sua magnitude e transcendência social, pois acarreta várias consequências não apenas físicas, mas, psicológicas/emocionais e repercussões nas futuras relações amorosas na vida adulta e de um modo geral na qualidade de vida das famílias (FOSHEE et al., 2001; MENDEZ; HERNANDEZ, 2001). É referenciada na literatura internacional como “dating violence” ou “courtship violence”.

Os estudos de prevalência da violência no namoro entre jovens adolescentes apresentam diferenciais na sua magnitude em decorrência do local estudado, grupo etário ou sexo e classe social dos sujeitos investigados (SUGARMAN; HOTALING, 1989 apud GLASS et al., 2003).

Em pesquisas nas bases de dados Medline, Lilacs e PUBMED a partir dos descritores “dating violence” ou “courtship violence” compreendendo o período de 2002 a 2007, encontramos cerca de 160 estudos, onde a maioria evidenciou a prevalência, correlação sócio-demográfica, distribuição por sexo, tipologia da violência, seus efeitos na saúde e a qualidade de vida. Vários desses estudos são acompanhados de programas de prevenção.

Quanto à população dos estudos revisados, mais da metade foi constituída por adolescentes. O contexto escolar (ensino médio) foi também o ambiente mais utilizado para realização dos estudos, uma vez que coincide com o despertar para as relações de namoro.

Salienta-se a dificuldade de comparação entre prevalências verificadas nos estudos consultados, pois neles há diferentes definições de violência e diferenças metodológicas quanto a escala utilizada, aspectos também observados por Hickman, Jaycox e Aronoff (2004). O desenho de estudo mais utilizado para aferição desse fenômeno foram os estudos transversais e retrospectivos.

Chama-se a atenção que mesmo sendo a escala mais utilizada entre os estudos para aferir a violência física, a Conflict Tactics Scale (CTS) - Escala Tática de Conflitos, (STRAUS, 1996) possui variações de um estudo a outro (AVERY-LEAF et al., 1997; COKER et al., 2000; MALIK; SORENSON; ANESHENSEL, 1997; MOLIDOR; TOLMAN, 1998; O'KEEFE; TREISTER, 1998 apud FERNET, 2005).

Ainda sobre a escala CTS, esta permite uma divisão de indicadores que apontam para agressão menor e severa. As variáveis de violência menor são: jogar um objeto sobre o par; empurrar e dar uma tapa. As variáveis de violência severa são: dar um golpe; bater com objeto; ameaçar com arma, faca ou outro objeto (FERNET, 2005; STRAUS, 1996). Outros pesquisadores ao utilizar a escala desenvolvida por STRAUS, têm discordado quanto aos itens do que seja violência menor e severa.

Em 1981, James Makepeace refere pela primeira vez que 21% dos estudantes pré-universitários nos Estados Unidos da América (USA), experienciam ou perpetram um ou mais atos de agressão física no contexto das suas relações com o par. Esta investigação pioneira, ao incluir o abuso físico e sexual no estudo das relações interpessoais íntimas, motivou pesquisas subseqüentes no tema, durante as décadas de 80 e 90.

Outras pesquisas encontraram prevalências variando entre 21 a 40% e fatores associados como utilização de álcool e outras drogas, número de parceiros, experiências anteriores, violência intrafamiliar, raça, sexo, religião (ACKARD et al., 2003; BERMAN, 1992; FLANNERY et al., 2001; RIGGS; O' LEARY, 1996; SILVERMAN et al., 2001; MAKEPEACE, 1981 apud HOWARD et al., 2003).

Sugarman e Hotaling, (1989 apud PAIVA; FIGUEIREDO, 2003), identificaram onze trabalhos que relatam as elevadas taxas de agressão física no contexto das relações de namoro, que variam entre 20 e 59%. Ainda estes autores, utilizando uma amostra de estudantes norte-americanos, estimaram que cerca de 33% de jovens do sexo masculino tiveram comportamentos de abuso físico e 36% de jovens do sexo feminino foram vítimas deste tipo de abuso no contexto das suas relações interpessoais.

Em uma amostra representativa da população norte-americana de indivíduos não casados e com idades entre os 18 e os 30 anos, Stets e Henderson, (1991 apud PAIVA; FIGUEIREDO, 2003) constatam que 30% dos sujeitos referem ter sido vítima de agressão física, nos 12 meses que antecederam à investigação.

No estudo de Bergman, em uma amostra de estudantes pré-universitários norte-americanos, foi encontrada uma prevalência nas mulheres de 15,7% e nos homens 7,8% em relação ao abuso físico por parte do companheiro (BERGMAN, 1992 apud PAIVA; FIGUEIREDO, 2003).

Carver (2000), numa amostra de estudantes pré-universitários, norte-americanos do sexo feminino que responderam às Revised Conflict Tactics Scales CTS-2, (BONEY-MCCOY; HAMBY; STRAUS; SUGARMAN, (1996 apud PAIVA; FIGUEIREDO, 2003), observa também que um número elevado de mulheres está envolvido numa relação violenta com o companheiro encontrando uma prevalência total de 52%.

No Canadá, Barnes, Greenwood e Sommer (1991 apud PAIVA; FIGUEIREDO, 2003), encontram que, numa amostra de estudantes pré-universitários do sexo masculino (N=202), 42% dos sujeitos referem ter praticado algum tipo de abuso físico com a companheira.

Este fenômeno no Brasil tem sido pouco estudado em comparação com a violência conjugal, tendo em vista dificuldades referente a sua aferição, operacionalização desse conceito e de acesso dos investigadores a esta população.

Estudo realizado com estudantes universitários em São Paulo revelou uma prevalência total de 21%, com 78% de agressões físicas com maior severidade em ambos os sexos (ALDRIGHI, 2004). Os demais trabalhos na temática são estudos de cunho qualitativo.

Estudo qualitativo de Nascimento e Cordeiro (2008) no Recife, revelou que a violência no namoro é exercida tanto pelo homem como pela mulher, quebrando assim a dicotomia vítima e algoz e levando-nos a refletir sobre os usos da violência para além dessa dicotomia.

Outro estudo qualitativo realizado no Recife revelou que o ciúme, a insegurança e o desejo de controlar o parceiro são elementos comuns entre meninas e meninos. Os sentidos produzidos sobre a violência cometida contra as meninas não difere muito do que já é consensuado sobre a violência dos homens em relação as mulheres de uma forma geral, ou seja relações desiguais de poder baseadas em gênero (CASTRO, 2009).

O Recife ocupa posição de 1º lugar como capital mais violenta do Brasil, segundo a Rede de Informação Tecnológica Latino Americana (2007) e por tal motivo foi incluído no nosso estudo.

Ao revisar-se a literatura sobre os fatores associados e de proteção para a violência no namoro, decidimos estudar a vitimização física nas relações de namoro entre os adolescentes na cidade do Recife.

1.2 Fatores de risco e de proteção

A violência que se manifesta nas relações de namoro entre adolescentes é um fenômeno complexo e multidimensional no qual a literatura aponta diversas causas, entre elas: fatores sociodemográficos, fatores relacionais entre a família e os pares, fatores decorrentes do contexto/ambiente (escola e comunidade), (MÉNDEZ; HERNÁNDEZ, 2001; WOLFE, 2003).

Black e Weiz (apud Matos et. al., 2006) chamam atenção para os riscos dos adolescentes acatarem a violência “como uma versão do amor (ou como ‘aceitável’) em certas circunstâncias”. As autoras destacam ainda que a adolescência é “um período especialmente propício à adesão a alguns mitos ‘perigosos’ sobre as relações ‘românticas’ , que podem ampliar o risco de envolvimento numa relação violenta.

Os fatores de risco para a violência no namoro podem ser definidos como atributos ou características que determinam a uma maior probabilidade de vitimização e perpetração na população estudada em relação a população geral (HOTALING; SUGARMAN, 1990).

Na busca de uma compreensão sobre a violência entre namorados, os autores trazem à discussão os fatores associados que facilitam, e não os que determinam a violência, denominados “fatores de risco” (CARIDADE; MACHADO, 2006; KERMAN; MATOS, 2006; MATOS et al., 2006; MEDEIROS; POWERS, 2006; STRAUS, 2006). Dentre estes fatores podem ser destacados:

- a) Duração do relacionamento: a violência tende a ocorrer com maior frequência ou com maiores agravantes conforme a duração da relação. Assim, namoros com maior duração possuem uma maior probabilidade a se tornarem violentos;
- b) Idade: os jovens, principalmente os adolescentes, são propícios a maiores danos físicos e psicológicos, devido a fatores como: carência, pouca experiência, desejo de independência, aliança e confiança em pares tão inexperientes quanto eles, o que limitaria suas habilidades para responder à violência. Assim, quanto mais jovem, maior a possibilidade de desenvolver violência na relação de namoro tendo em vista a pouca habilidade para a resolução dos conflitos (KISHOR; JOHNSON, 2004; NAVED; PERSON, 2005, apud VÉZINA; HÉBERT, 2007);
- c) Vivência de namoros violentos durante a adolescência podem aumentar o risco de continuar a violência interpessoal na vida adulta, como vítima ou perpetrador;
- d) Fatores psicológicos: baixa auto-estima no homem facilita o estabelecimento de relações violentas, enquanto na mulher tende a facilitar o estabelecimento de relações violentas nas quais torna-se vítima. Comportamentos de raiva, traços e características de personalidade e de personalidade *boderline*¹, conflitos no relacionamento, problemas de comunicação, dominação e atributos negativos do parceiro são fatores facilitadores do desenvolvimento de namoros violentos;
- e) Violência intrafamiliar: a vivência de violência no seio da família seria um fator que levaria a uma maior probabilidade para estabelecer relações violentas, na condição de perpetrador ou vítima;

¹ Desordem de Personalidade Boderline é uma desordem mental importante caracterizada por instabilidades no humor, relações interpessoais, auto-imagem e comportamentos. Esta instabilidade frequentemente deteriora a família e trabalho, planos a longo prazo e senso individual ou identidade.

- f) *Stalking* é um termo inglês que designa uma forma de violência na qual o sujeito ativo invade repetidamente a esfera de privacidade da vítima, empregando táticas de perseguição e meios diversos, tais como ligações telefônicas, mensagens de correio eletrônico ou publicação de fatos ou boatos em sites da Internet (*cyberstalking*) remessa de presentes, espera de sua passagem nos lugares que frequenta, etc. - resultando dano à sua integridade psicológica e emocional, restrição à sua liberdade de locomoção ou lesão à sua reputação. Os motivos dessa prática são os mais variados: amor, desamor, vingança, ódio, brincadeira ou inveja.
- g) Dificuldade em reconhecer uma condição de vítima: por acreditar que a violência é uma forma de expressão do amor que sente, naturalizando assim a violência. Ao naturalizá-la, o risco é de permanecer em namoros violentos, sem perceber tal fato.

1.3 Breves considerações sobre os modelos explicativos para a violência no namoro

Existem vários modelos explicativos sobre as causas da violência no namoro, vividas por jovens e adolescentes. Iremos fazer breves comentários acerca de quatro (4) modelos: A teoria do aprendizado social; Transmissão Transgeracional da violência; Violência de gênero e por fim o modelo ecológico.

Primeiramente iremos falar sobre a teoria do aprendizado social de Bandura (1973), que enfatiza a importância da observação e da modelagem dos comportamentos, atitudes e respostas emocionais dos outros:

O aprendizado seria excessivamente trabalhoso, para não mencionar perigoso, se as pessoas dependessem somente dos efeitos de suas próprias ações para informá-las sobre o que fazer. Por sorte, a maior parte do comportamento humano é aprendido pela observação através da modelagem. Pela observação dos outros, uma pessoa forma uma idéia de como novos comportamentos são executados e, em ocasiões posteriores, esta informação codificada serve como um guia para a ação (BANDURA, 1973).

A teoria do aprendizado social explica o comportamento humano em termos de interação contínua recíproca entre influências cognitivas, comportamentais e

ambientais. Os processos componentes, que estão por trás do aprendizado pela observação são:

(1) Atenção, incluindo os eventos apresentados (clareza, vivência afetiva, complexidade, frequência, valor funcional) e as características do observador (capacidades sensoriais, nível de atenção despertada, conjunto de percepção, reforço anterior);

(2) Retenção, incluindo codificação simbólica, organização cognitiva, ensaio simbólico, ensaio motor;

(3) Reprodução motora, incluindo capacidades físicas, auto-observação da reprodução, exatidão do retorno;

(4) Motivação, incluindo reforço externo, indireto e próprio. Como a teoria do aprendizado social abrange a atenção, a memória e a motivação, ela se estende por ambas as estruturas, cognitiva e comportamental.

A violência no namoro passa por processos de aprendizagem social e de uma série de sistemas sociais, políticos e culturais que passam a reafirmar o lugar da violência nas relações, enquanto estratégia de resolução de conflitos e manutenção de relações de poder.

A confusão entre amor e ciúme também contribui para que a violência passe a ter um caráter “natural” no contexto de muitas relações. Em comum entre essas teorias é que a violência no namoro relaciona-se com os processos de socialização.

O Segundo modelo explicativo refere-se à relação entre a violência no namoro e a vitimação na família de origem, que pode ser melhor compreendida à luz da perspectiva da Transmissão Transgeracional da violência. Este tipo de explicação concebe a infância como fase de estruturação do psiquismo humano. É a etapa de desenvolvimento do indivíduo em que os registros mentais da experiência vivida passam a fazer parte da vida, seja por meio do processo de identificação com o seu possível agressor, seja com aquele que sofreu a violência (GOMES, 2005).

Segundo Correa (2000), a transmissão psíquica geracional se apresenta de duas formas distintas: a primeira forma é a intergeracional, que é aquela que inclui um espaço de metabolização do material psíquico transmitido pela geração mais próxima e que transformado, passará a seguinte.

A segunda forma é a transgeracional que se refere a um material psíquico da herança genealógica não transformada e não simbolizada, apresentando assim vazios e lacunas na transmissão, de modo que o significado aponta para o fato psíquico inconsciente que atravessa diversas gerações.

Nesta concepção, a família é percebida não só como uma entidade que pode viabilizar certos comportamentos agressivos nos seus membros, mas que pode também levá-los a interiorizar valores ideológicos e sociais, atitudes e crenças sobre os papéis de gênero e da violência, promotores de condutas violentas (GELLES, 1997). De acordo com esta perspectiva, seria esse tipo de aprendizagem por parte dos filhos de casais em que existe violência que viabilizaria, no futuro, os mesmos desempenhos conjugais, quer como vítima, quer como agressor. Os estudos não são, contudo, conclusivos sobre a forma como esse contato com a violência na família de origem pode afetar, de forma diferente, rapazes e moças. (MCCLOSKEY; LICHETER, 2003 apud CORREA, 2000).

O terceiro modelo baseia-se na violência nas relações de namoro causadas por atitudes de manutenção dos papéis e estereótipos de gênero encontrando base nas pesquisadoras feministas:

Na perspectiva feminista, se defende que a violência se trata de algo estrutural e que o objetivo da violência contra as mulheres é manter o poder e o controle das mesmas, em geral, e mais concretamente, sobre sua sexualidade, predizendo que tal violência diminuirá na medida em que a mulher envelhece e diminui sua capacidade reprodutiva (PETERS; SHACKELFORD; BUSS, 2002).

De acordo com uma perspectiva antropológica do homem e da mulher na sociedade brasileira, a violência constitui quase um 'dever' para o homem, como manifestação da hombridade, onde através dela é expresso aos outros a capacidade do homem afirmar-se como guardião do seu patrimônio (BARROZO, 2007).

Walker (2004 apud CARIDADE; MACHADO, 2006) afirma que as mulheres sempre foram maltratadas pelos homens, assumindo um estatuto de subordinação e subserviência.

A realidade amorosa está impregnada de crenças e valores atribuídos ao amor, à relação e ao outro. Entre essas crenças, segundo De La Rosa (2005), está a de que a violência no namoro é algo normal e socialmente aceito.

Consequentemente, a violência torna-se quase invisível, uma vez que vem disfarçada de amor, confundida com afeto e cuidado.

Na busca de diferenciar essas opiniões, ora divergentes, ora convergentes, Izumino e Santos (2005) destacam a existência de três correntes teóricas relativas à questão da violência contra a mulher e de gênero, as quais denominam de: dominação masculina, dominação patriarcal e relacional.

A corrente de dominação masculina considera a violência contra as mulheres como a expressão da dominação exercida pelo homem (dominação patriarcal) sobre a mulher. A mulher, nesta postura, é vista tanto como vítima quanto cúmplice desta dominação exercida pelo homem, porém com sua autonomia anulada. Esta corrente ganhou representatividade nos anos 1980, na voz da filósofa Chauí (1985) e seu artigo intitulado “Participando do Debate sobre Mulher e Violência”, no qual apresenta a concepção da violência contra a mulher como resultado da ideologia de dominação masculina, produzida e reproduzida não apenas pelos homens, mas também pelas mulheres. O ser dominado é tratado como objeto e não como sujeito, se torna passivo e dependente, perdendo sua autonomia, liberdade, sua capacidade de pensar, querer e agir, através da ação violenta.

A segunda corrente, influenciada pelo feminismo marxista e intitulada dominação patriarcal, considera a violência como expressão do patriarcado, sendo a mulher vista como sujeito social autônomo, embora historicamente sob o jugo do controle social masculino. Esta perspectiva introduz-se no Brasil através da socióloga Saffioti (2004), que difere do pensamento de Chauí (1985) em relação à idéia de cumplicidade da mulher, uma vez que Saffioti (1999, 2004) considera que as mulheres são vítimas e sujeitos numa relação de desigualdade de poder com os homens.

A corrente relacional trabalha com a singularidade das cenas de violência e rompe com a dicotomia mulher – vítima e homem – agressor, ao conceber a violência como um jogo no qual a mulher não é vítima, mas co-autora, com autonomia, e construtora, juntamente com o homem, da cena de violência. Desta forma, a violência não é do homem ou da mulher, e sim do casal, para o qual este fenômeno tem uma função específica. Nesta abordagem a cultura é considerada um mapa que traz orientações para as pessoas, abrindo possibilidades de combinar

prescrições, relações, significados e concepções e não como algo determinante. Esta corrente ganhou força nos anos 1990, na voz da antropóloga Gregori (1993), com a publicação de seu livro “Cenas e Queixas: Mulheres e Relações Violentas” (IZUMINO; SANTOS, 2005).

O quarto modelo realça a perspectiva do desenvolvimento humano e têm como foco a abordagem bioecológica estudando dimensões: microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. O informe mundial sobre violência e saúde recorre a este modelo como a de melhor possibilidade de integrar as dimensões que fazem parte do desenvolvimento.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2002), não há um simples fator que explique porque alguns indivíduos se comportam violentamente para com outros, ou porque a violência é mais prevalente em algumas comunidades que outras. Violência é o resultado de um complexo inter-relacionamento de fatores individuais, sociais, culturais e ambientais.

Esta organização internacional propõe um modelo que engloba a relação entre elementos individuais e contextuais, considerando a violência como produto de múltiplos fatores que influenciam o comportamento violento, desmembrando-o em quatro níveis apresentados na figura 1.

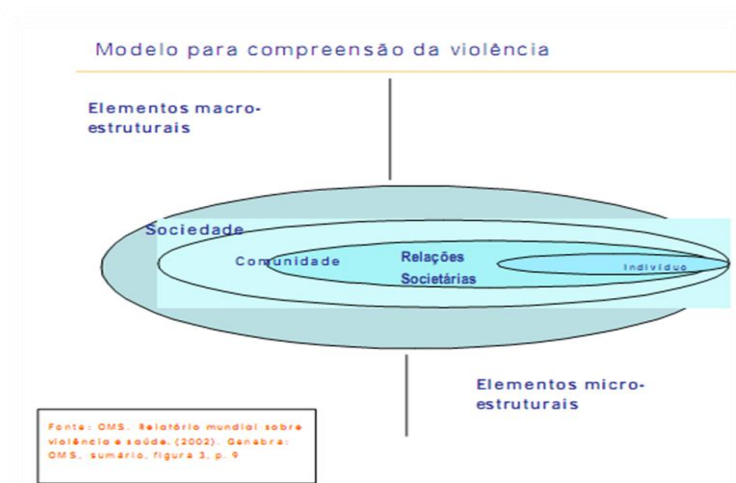


Figura 1 - Modelo para compreensão da violência.
Fonte: Organização Mundial da Saúde (2002)

- a) Individual – O primeiro nível procura identificar na história pessoal e biológica fatores que o indivíduo “traz” para seu comportamento. Além disso, fatores tais como a impulsividade, baixa escolaridade, abuso de substâncias e história anterior de agressão e abuso são considerados. Em síntese, este modelo focaliza as características do indivíduo que aumentam a probabilidade dele ser uma vítima ou um perpetrador de violência.
- b) Relacional (relações societárias) – Este nível trata das relações mais próximas, por exemplo, entre companheiros, parceiros íntimos e membros da família, como potencializadoras, as relações de risco de vitimização e perpetração da violência. Por exemplo, interagir numa base cotidiana, ou compartilhar um mesmo domicílio com um abusador pode aumentar a oportunidade de encontros violentos, porque ambos estão ligados numa relação continuada, com probabilidade de se repetir a violência. No caso da violência juvenil, estudos demonstram que é mais provável engajar-se em atividades negativas, quando aprovadas e encorajadas pelas companhias.
- c) Contextual (comunidade) – O terceiro nível examina contextos comunitários como escola, ambiente de trabalho, vizinhanças, e procura identificar as características desses contextos que estão associados com o ser vítima ou perpetrador. Um alto nível de mobilidade residencial, heterogeneidade da população com pouca coesão social, unindo comunidade e alta densidade, são todos exemplos de características que têm sido associadas à violência. Assim também comunidades caracterizadas por problemas como tráfico de drogas, altos níveis de desemprego ou isolamento social possuem maior possibilidade de experienciar violência.
- d) Sociais (sociedade) – Neste nível são examinados fatores da sociedade que influenciam as taxas de violência. Incluem-se aqui fatores que criam um clima aceitável para o fenômeno, aqueles que reduzem inibições contra a violência e aqueles que criam e sustentam vazios entre diferentes grupos ou países. Esses fatores incluem normas culturais que apóiam a violência como um meio aceitável de resolver conflitos.

O modelo mostra como um nível pode influenciar, no sentido de reforçar ou modificar o outro. Ajuda a esclarecer as causas da violência e suas complexas interações. Pode-se atuar em vários níveis de uma só vez quando se pensa em prevenção.

Nesse estudo tomamos por base o modelo bioecológico da Organização Mundial da Saúde (2002), priorizando os fatores de risco e de proteção dos níveis relacional e contextual (níveis 2 e 3).

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;
É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;
É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Luís de Camões (1524-1580)

2 REFERENCIAIS TEÓRICOS

2 REFERENCIAIS TEÓRICOS

2.1 *Violência no namoro*

A “Violência” vem do latim *violentia* que remete a vis (força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo para exercer sua força vital). Essa força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica (ZALUAR, 1999 apud ZALUAR; LEAL, 2001).

Para Faleiros (2000), a violência deve ser entendida como uma relação desigual de poder, implicando a negação do outro, da diferença, da tolerância e das oportunidades; traduzindo-se em prejuízo, dano ou sofrimento e infringindo o pacto social de convivência, de garantia de direitos humanos. Nessa mesma perspectiva, Minayo e Souza (2003) caracterizam um ato violento quando, nas relações sociais interpessoais, de grupos, de classes, de gênero, ou objetivadas em instituições, se empregam diferentes formas, métodos e meios de ferimento e aniquilamento de outrem, ou de sua coação direta ou indireta, causando-lhe danos físicos, mentais e morais.

Do ponto de vista operacional a Organização Mundial de Saúde (2002), define a violência como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002, p. 5).

Nesse enfoque, o fenômeno da violência foi classificado em três tipos: violência dirigida contra si-mesmo (comportamentos suicidas e os auto-abusivos); violência interpessoal (classificadas em dois campos, o intrafamiliar e a comunitária); violência coletiva (correspondem aos atos violentos ocorridos nos âmbitos macro-sociais, políticos e econômicos), conforme figura 2.

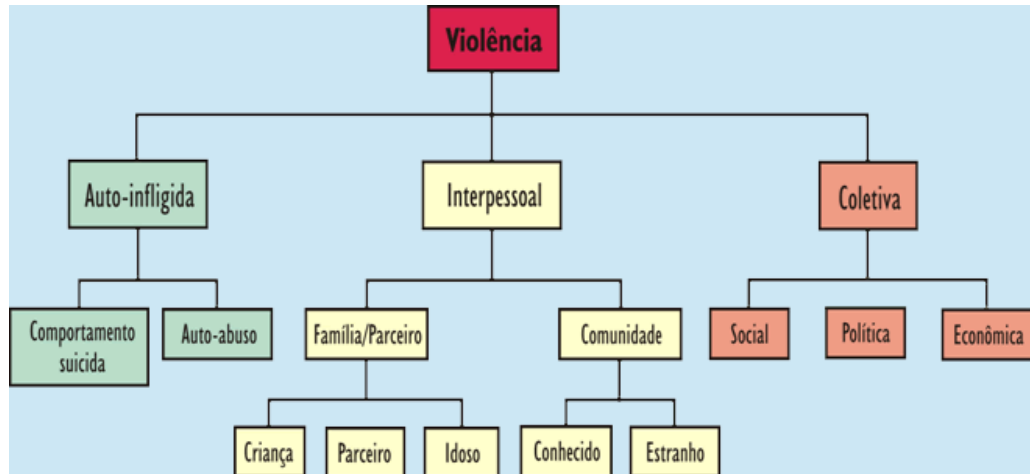


Figura 2 – Tipologia da violência,
Fonte: Organização Mundial da Saúde (2002).

As violências que são experienciadas no contexto das relações amorosas podem ser definidas como a perpetração ou ameaça de um ato de violência por parte de pelo menos um dos membros sobre o outro. Compreende qualquer forma de violência, como física, sexual, verbal/emocional, relacional, bem como abusos ou ameaças, onde as diversas naturezas se misturam bem como os atos repetitivos (SUGARMAN; HOTALING, 1989 apud AVERASTURI, 2003; FERNET, 2005).

A violência física diz respeito à ação ou omissão que coloca em risco ou causa dano à integridade física de uma pessoa; a violência psicológica refere-se a ações ou omissões que visam degradar, dominar, humilhar outra pessoa, controlando seus comportamentos, crenças e decisões através de intimidações e ameaças que prejudicam o exercício da autodeterminação e desenvolvimento pessoal; a violência sexual inclui o estupro, violação, maus tratos e abuso sexual (FERNET, 2005; MARQUES, 2005).

2.2 Adolescência

O reconhecimento dos adolescentes enquanto sujeitos de direitos é assegurado pela Constituição Federal em seu artigo 227, que traz como premissa central a doutrina da proteção integral, a qual consagra a criança e o adolescente

como sujeitos de direitos, em perfeita integração com o princípio fundamental da Dignidade da Pessoa Humana:

Art. 227, CF: É dever da família, da sociedade e do estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Para garantir uma maior efetividade a norma constitucional, foi promulgada em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Lei nº. 8 069/1990). O ECA surge fundamentado em dois preceitos básicos: o primeiro que reconhece a criança e o adolescente como sujeitos de direitos, e o segundo, que confirma a sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. O ECA define como adolescente as pessoas com idades compreendidas entre 12 a 18 anos. Contudo, no âmbito jurídico internacional, não existe consenso sobre o que é ser adolescente, apesar da Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança definir, de forma genérica, criança como todo indivíduo de idade menor que 18 anos (CORREA, 2006).

A adolescência constitui um processo fundamentalmente biológico, de vivências orgânicas, no qual se aceleram o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Assim, abrange a pré-adolescência a faixa etária de 10 aos 14 anos, e a adolescência propriamente dita, a faixa dos 15 aos 19 anos de idade (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002).

É um período de mudança e transição, que afeta os aspectos físicos, sexuais, cognitivos e emocionais. É também uma fase da reorganização emocional, de turbulência e instabilidade, caracterizada pelo processo biopsíquico a que os adolescentes estão destinados (ABERASTURY; KNOBEL, 1992 apud ASSIS et al., 2003).

Mais do que outras idades da vida, a adolescência passou a ser reconhecida e representada como um período de forte presença das chamadas 'influências sociais' no funcionamento psicológico e na constituição do sujeito. As figurações sobre o adolescente e a adolescência aludem, freqüentemente, e não é de hoje, a conflitos com o mundo, com os pais e com os adultos (MARIANO, 2001).

Na contemporaneidade percebemos que os adolescentes estão mais sozinhos ou convivem mais com seus pares, amigos da rua, do prédio, condomínios que no seio de suas famílias. Os pais, geralmente, estão mergulhados em seus afazeres, preocupados em não perder tempo.

Os espaços livres como as ruas, praças, estão comprometidos com carros, prédios e, sobretudo, com a violência urbana, diminuindo assim o convívio social, as brincadeiras, fazendo com que esses jovens passem mais tempo dentro de casa, por medo e assim passando horas a fio a assistir televisão, ouvir música, conversar e conhecer pessoas em salas de bate-papo, comunidades virtuais utilizando a Internet. Essas conversas amadurecem e até são estabelecidos relacionamentos através desse meio.

2.3 Namoro nos dias atuais

As últimas décadas do Século XX e o Século XXI trazem novas formas de relacionamento afetivo entre jovens de vários países ocidentais. Das formas de namoro mais conservadoras como: o “namoro sério”, dar as mãos, trocar olhares, passear, pedir permissão da família, até a propagação e o exercício do ficar, o estar junto sem compromisso, os beijos, os “amassos”, carícias, e, às vezes, sexo. Hoje, misturam-se “ficar” e namorar, como expressões comuns no universo adolescente contemporâneo.

As expressões “namoro firme” ou “namoro sério” são bastante antigas e ainda hoje são utilizadas para designar relacionamentos com um maior grau de compromisso e longevidade. O namoro que, em épocas anteriores, não era “firme” ou “sério” aproximava-se bastante do “ficar” (diversão) da atualidade, embora fosse mais exigente quanto à fidelidade e à durabilidade. Mas, também sovava como um contato preliminar para um melhor conhecimento do outro, dos próprios sentimentos ou, simplesmente, como se dizia, um namoro para “passar o tempo” (JUSTO, 2005).

Messeder (2002) com base nos estudos de Jaqueline Chaves (1997), destaca que o “ficar” surgiu na década de 80 como um novo código de relacionamento da sociedade urbana e contemporânea, organizado por princípios fixos como “a falta de compromisso, a ética do desejo, a busca de prazer, o distanciamento entre norma/compromisso e prazer, a comutatividade do objeto, a negação da alteridade e a ausência da obrigatoriedade da transcendência”. Messeder (2002), a partir dos estudos realizados por Giddens (1993), defende que esse tipo de relacionamento foi possível graças à transformação do amor romântico em amor confluyente, mais voltado para os princípios que regem a sociedade moderna.

Abramovay, Castro e Silva (2004) destacam a diversidade de posturas com relação à definição, a existência de regras ou não e os objetivos do ficar. Segundo as autoras, na literatura sobre o ficar ora este aparece como uma etapa anterior e como possibilidade para uma relação de namoro, ora totalmente dissociado dessa relação, voltando-se para a busca do prazer sem compromisso, no qual o casal determina até que ponto pode chegar.

O “ficar” se destaca como uma forma alternativa ao namoro, que tem como principal característica a flexibilidade em relação às regras existentes no namoro e à necessidade de fidelidade. As trocas afetivas entre o casal acontecem de forma flexível, minimizando a obrigação de fidelidade. Para as autoras, mais do que um descompromisso, o ficar implica em desprender-se com relação ao futuro e à continuidade da relação.

Destacam que, embora o “ficar” venha com a roupagem da modernidade, com características mais fluídas e maior flexibilidade em relação as regras, compromisso e fidelidade, ainda assim sofre influências de velhos preconceitos, que apresentam uma hierarquização de valores, nos quais o namoro seria a relação mais séria, com vínculo e respeito, enquanto o ficar seria identificado como a relação na qual tudo é permitido. Essa dicotomia leva à diferenciação valorativa entre mulheres “boas” para namorar e casar, e aquelas que são “boas” apenas para ficar.

Connolly et al. (2004 apud MENDÉZ; HERNANDÉZ, 2001), propuseram um modelo de fases, estágios que permitem compreender o processo de aparecimento, criação e consolidação das relações de namoro durante a adolescência. Esse modelo divide-se em fases:

A primeira fase caracteriza-se pelo predomínio da atração física. A segunda fase revela que há um namoro mais ou menos estável, que é compartilhado com amigos da mesma idade, que se reúnem para passar o tempo livre.

A terceira fase caracteriza-se por diminuição dos encontros do grupo de amigos, mas não de uma forma casual e por fim a quarta fase que predomina uma relação menos ainda dividida com os amigos, com aumento da intimidade e compromisso.

A partir dessas fases, pode-se concluir que à medida que as relações tornam-se mais sérias e estáveis, pode haver um aumento do número de conflitos, como também ser o início de dinâmicas relacionais baseadas no domínio e comportamentos violentos entre os namorados.

2.4 A viabilização da violência através do namoro virtual

Espantoso como passa-se por todas estas regras para conhecer uma pessoa, namorar e casar outrora e chegando ao século XXI, conhecemos nossos pretendentes apenas com um click!

É o chamado namoro virtual bem conhecido entre os adolescentes que utilizam a rede mundial de computadores, em sites específicos como as salas de bate-papo, Orkut, Twitter, Skype, Facebook, Myspace, Gtalk, entre outros para paquerar, conhecer, “ficar” e até namorar.

Em apenas um minutinho os adolescentes podem conhecer pessoas de absolutamente qualquer parte do mundo. Não há barreiras entre idade, sexo, raça, religião e área geográfica, pois afinal você está em frente a um computador, viajando nas palavras, no tempo, na imaginação e na curiosidade. Os adolescentes passam horas a fio navegando nas suas vontades e pensamentos.

Criam uma linguagem própria como xau, bju, te amu... etc, que só eles mesmos entendem. Cada contato, encontro virtual uma história real ou fictícia,

depende somente da imaginação. Não há regras e muitas vezes o entendimento é entre os próprios adolescentes sem que os pais sequer percebam.

O monitoramento dos pais e responsáveis é visto como “repressão”, “invasão de privacidade”. Aonde vai-se parar?

Liga-se a televisão e os noticiários locais, estaduais e internacionais são recheados de notícias que o namorado (a) bateu, empurrou, feriu e desferiu golpes mortais na pessoa que diz amar. Mas que amor é esse?

Um amor que diminui a autoestima, que humilha, que desrespeita, que incentiva condutas inadequadas a sociedade e a convivência com o bom senso? É o namoro atual, sem barreiras e sem preconceitos. É a liberdade demasiada e conquistada a esse preço! Bem vindo ao namoro do século XXI!

Nesse trabalho usar-se-á o termo namoro indiscriminadamente do estágio da relação ou do nível do envolvimento da relação afetiva para diferenciar o “ficar/namorar” entre os adolescentes estudados.

Para fazer uma obra de arte não basta ter talento, não basta ter força, é preciso
também viver um grande amor."

Wolfgang Amadeus Mozart

3 JUSTIFICATIVA

A violência nas relações entre os jovens é um fenômeno que ameaça a vida e a saúde de grupos e indivíduos com reflexos em várias etapas e aspectos da existência, impossibilitando a vivência plena e saudável das relações amorosas.

A escassez de estudos em nossa região sobre o tema é um determinante importante para se estudar um fenômeno que se insere em um contexto de extrema violência social.

São necessários estudos que aprofundem essa temática, tendo em vista que as relações de namoro na adolescência variam de contexto, de culturas, locais, experiências de violência, desigualdades sociais e as próprias vivências desse período que podem influenciar comportamentos agressivos mútuos.

Só se vê com o coração. O Essencial é invisível aos olhos"

Exupéry

4 PERGUNTA CONDUTORA

4 PERGUNTA CONDUTORA

Qual a prevalência e os fatores associados à vitimização da violência física entre namorados adolescentes da cidade do Recife em 2008?

“Onde acaba o amor têm início o poder, a violência e o terror”

Carl Gustav Jung

5 OBJETIVOS

5 OBJETIVOS

5.1 Geral

Determinar a prevalência e os fatores associados da violência física sofrida entre namorados adolescentes da cidade do Recife, 2008.

5.2 Específicos

- a) Descrever o perfil da violência física sofrida de acordo com as variáveis sócio-demográficas: sexo, faixa etária, cor da pele, religião, estrato social, escola pública e privada, escolaridade do pai e da mãe; situação de trabalho do jovem e auto-estima;
- b) Descrever a situação afetiva e amorosa das vítimas de violência física segundo sexo;
- c) Determinar associação da violência física sofrida com a violência (menor, verbal e severa) na família (pai, mãe ou responsáveis), irmãos, comunidade e escola.

De tudo, ao meu amor serei atento.
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto que mesmo em face do maior
encanto dele se encante mais meu pensamento.
Quero vivê-lo em cada vão momento e em seu louvor hei de espalhar
meu canto e rir meu riso e derramar meu pranto ao seu pesar ou seu
contentamento.
E assim, quando mais tarde me procure quem sabe a morte, angústia
de quem vive quem sabe a solidão, fim de quem ama.
Eu possa dizer do amor (que tive): que não seja imortal, posto que é
chama, mas que seja infinito enquanto dure.
Vinícius de Moraes (1913 -1980)

6 METODOLOGIA

6.1 *Desenho de estudo*

Desenvolveu-se, para a consecução dos objetivos, um estudo transversal, também denominado, de acordo com Pereira (2006), estudo seccional, de corte transversal, pontual ou de prevalência. Trata-se de um estudo epidemiológico no qual fator e efeito são observados num mesmo momento, produzindo um retrato instantâneo da situação de saúde de uma população ou comunidade, com base na avaliação individual do estado de saúde de cada membro do grupo, gerando indicadores globais de saúde para o grupo investigado. Esse tipo de estratégia constitui, segundo Almeida filho e Rouquayrol (2006), um estudo individuado-observacional-seccional.

De modo geral, a aplicação mais comum de um estudo transversal está relacionada à necessidade de conhecer de que maneira as variáveis se distribuem em uma determinada população e época, sendo um excelente método descritivo (BLOCH, KLEIN, 2006).

Dentre as vantagens do estudo, situa-se o baixo custo, a simplicidade analítica e o alto potencial descritivo, sendo possível subsidiar o planejamento de ações (ALMEIDA FILHO; ROUQUAYROL, 2006; PEREIRA, 2006b). Ainda como vantagem, Pereira (2006) acrescenta a rapidez na coleta de dados, visto que essa se realiza em um único momento.

Dentre as limitações, destaca-se o baixo poder analítico do estudo, sendo inadequado para testar hipóteses de causalidade (exceto para as características e exposições estáveis), devido à dificuldade em estabelecer a ordem cronológica dos acontecimentos (fator associado e efeito), podendo apenas testar hipóteses de associação estatística. Outra desvantagem é a vulnerabilidade a bias, como o de prevalência e de seleção (ALMEIDA FILHO; ROUQUAYROL, 2006; PEREIRA, 2006).

6.2 Área de estudo

Recife, capital do Estado de Pernambuco, está situado no litoral oriental da Região Nordeste do Brasil, ocupando 219,6 Km² corresponde a 0,2% da área total do Estado. Com uma extensão territorial de 209 Km², apresenta um ambiente natural diversificado com planície, morros, estuário e praia. O processo histórico de ocupação urbana foi fortemente caracterizado à custa de aterros sobre rios, mangues e alagados. Mais recentemente, o processo de ocupação vem sendo caracterizado pelas construções verticalizadas em alguns bairros e pela ocupação de áreas em morros e córregos da periferia.

Encontra-se dividida em seis Regiões Político-Administrativas (RPA) ou DS (Distritos Sanitários), conforme Figura 3, cada uma subdividida em três microrregiões (MR) cada uma.

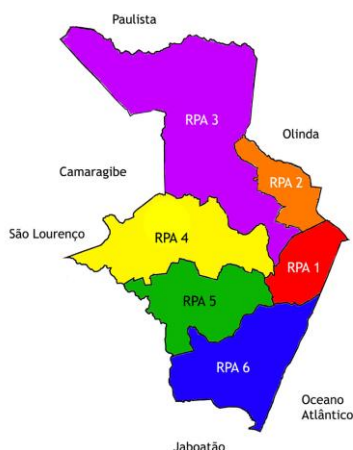


Figura 3 – Mapa da Cidade do Recife Distribuído por Regiões Político administrativas
Fonte: Plano Municipal de Saúde (2005)

A população residente do Recife estimada pelo censo IBGE (2000), foi de 1.549.980 pessoas, distribuídas num espaço totalmente urbano, sendo 719.583 do sexo masculino e 830.397 do sexo feminino. A faixa etária do estudo representou 135.521 (Quadro 1).

População Residente por Faixa Etária e Sexo, 2008			
Faixa Etária	Masculino	Feminino	Total
Menor 1	10.684	10.301	20.985
1 a 4	43.905	42.700	86.605
5 a 9	60.907	60.057	120.964
10 a 14	63.667	62.492	126.159
15 a 19	68.119	67.402	135.521
20 a 29	141.936	151.111	293.047
30 a 39	116.222	135.394	251.616
40 a 49	93.406	115.838	209.244
50 a 59	61.726	84.463	146.189
60 a 69	33.460	53.298	86.758
70 a 79	17.639	32.210	49.849
80 e +	7.912	15.131	23.043
Total	719.583	830.397	1.549.980

Quadro 1 - População Residente por Faixa Etária e Sexo, 2008.
Fonte: IBGE (2000).

A pirâmide etária populacional do Recife em 2008, revela uma predominância na faixa etária mais jovem, com predominância para a idade de 20 a 29 anos, seguida de 30 a 39 anos e 10 a 19 anos. (DATASUS, figura 4).

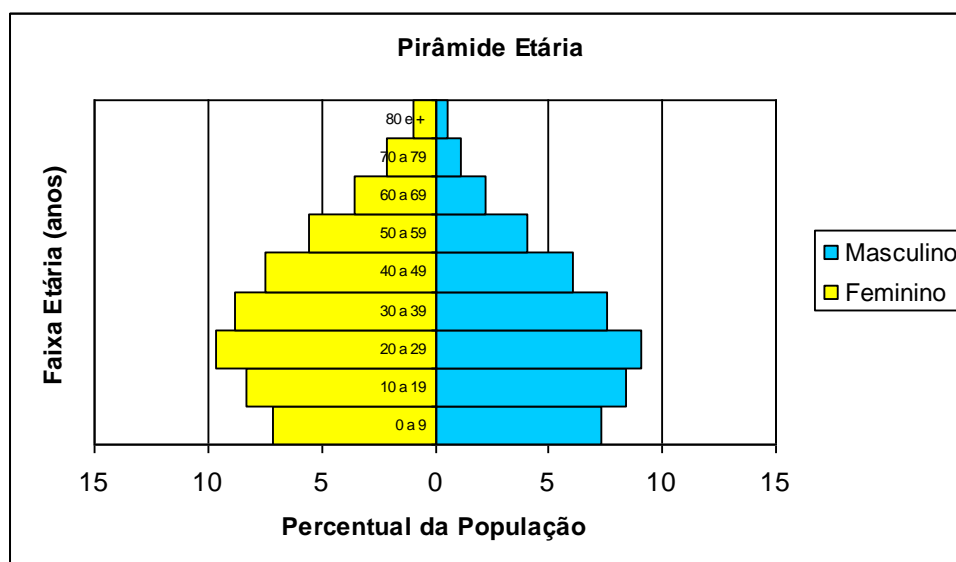


Figura – 4 – Pirâmide etária da cidade do Recife, 2008 ,
Fonte: Cadernos de Informação em Saúde (2008).

No Recife, os dados sobre renda familiar confirmam o quadro generalizado e enraizado de desequilíbrio na distribuição de rendimentos. Segundo o IBGE – Censo 2000, ao se analisar o total de domicílios particulares permanentes por classe de rendimento nominal mensal do responsável pelo domicílio, encontramos que 33,4% desses domicílios dispõem de renda inferior a um salário mínimo ou não possuem rendimento, enquanto 6,6% desses domicílios dispõem de rendimentos superiores a 20 salários, situando-se no outro extremo. Mas de modo geral, a população do Recife é considerada bastante pobre, pois cerca de 70% da população (1.021.351 habitantes) possui responsável pelo domicílio com até 5 salários mínimos (ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DE RECIFE, 2005).

A desigualdade de oportunidades entre cidadãos recifenses é bem marcada no campo da educação. Houve uma grande melhoria no acesso às escolas, porém a qualidade e a taxa de escolaridade ainda são consideradas deficientes. De acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano de Recife (2005), baseados nos resultados dos Censos de 1991 e 2000, observa-se que houve um crescimento da população de adolescentes que ingressaram na escola na última década (84,3%), como também o número dos que passaram a frequentar o ensino médio. Concomitantemente, no ano de 2000, 71,94% da população de 15 a 17 anos, na Região Metropolitana do Recife (RMR), não havia concluído o ensino fundamental por abandono ou retardo no processo de escolarização.

O número total de escolas com ensino médio na cidade de Recife de acordo com o IBGE, 2007 é de 316, sendo Estaduais 103, Federais 3, Municipais 2 e Particulares 208.

As escolas públicas Estaduais e escolas Particulares do Recife, são marcadas por um cenário de muitas discrepâncias. No trabalho de campo da pesquisa foi observado que a infra-estrutura das escolas públicas revela a precariedade do espaço físico ocupado pelos estudantes, bem como o ruído intenso atrapalha a concentração dos mesmos e a exposição constante ao risco de consumo de substâncias proibidas, contrastam com o cenário das escolas particulares com salas climatizadas e um arsenal de segurança, demonstrando estas últimas, espaço físico privilegiado.

Por questões éticas iremos ocultar os nomes das escolas e nos limitaremos a colocar seu estrato, particular ou pública, de acordo com as RPAs para uma melhor compreensão (Quadro 2).

Escola RPA		Bairro	Rede
1.	RPA 3	Alto José do Pinho	Estadual
2.	RPA 2	Beberibe	Estadual
3.	RPA 5	Areias	Estadual
4.	RPA 6	Ibura	Estadual
5.	RPA 5	Jardim São Paulo	Estadual
6.	RPA 6	Pina	Estadual
7.	RPA 1	Boa Vista	Estadual
8.	RPA 1	Boa Vista	Particular
9.	RPA 3	Espinheiro	Particular
10.	RPA 3	Aflitos	Particular
11.	RPA 6	Boa Viagem	Particular

Quadro 2 – Escolas divididas por RPA's da cidade do Recife, 2008.

6.3 População de estudo

A população do estudo foi composta por adolescentes estudantes do 2º ano do ensino médio das escolas públicas Estaduais e Particulares da cidade do Recife, no ano de 2008, na faixa etária de 15 a 19 anos.

6.4 Critério de inclusão

- a)** Estudantes do 2º ano do ensino médio que aceitaram participar da pesquisa mediante assinatura de TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido);
- b)** Experiência de namoro/ficar há pelo menos 1 ano anterior ao ano de estudo;
- c)** Idade entre 15 e 19 anos;

6.5 Critério de exclusão

- a) Não estar na faixa etária específica do estudo;
- b) Estudar no período noturno;
- c) Não ter experiência de namoro/ficar até 1 ano antes do estudo

6.6 Definição da amostra e tamanho amostral (realizado pela coordenação da pesquisa no CLAVES).

A amostra foi dimensionada para se obter estimativas de proporção, com erro absoluto de 0,10, nível de confiança de 95% e assumindo proporção (P) da ocorrência de vitimização entre namorados igual a 70% (prevalência encontrada em um estudo piloto com jovens de Manaus). Nesse caso utilizou-se uma amostragem conglomerada multi-estágio, com seleção em três etapas: 1ª etapa - seleção do estrato (pública diurno e privada diurno) e 2ª etapa - escolha das escolas, com probabilidade de seleção proporcional a quantidade de alunos (PPT) de 2º ano; 3ª etapa - uma turma foi selecionada aleatoriamente, dentro da escola, para a aplicação do questionário com todos os alunos.

O plano amostral foi assim delineado com o objetivo de encontrar menor tamanho amostral com maior precisão e poder de inferência para a população de Recife. Entretanto, devido o tipo de amostragem não ser aleatória simples (AAS),

deve-se incluir um efeito de desenho de pelo menos 2, a fim de manter o mesmo nível de precisão de uma AAS.

$$n = deff * \frac{(1,96)^2 \pi(1 - \pi)N}{(1,96)^2 \pi(1 - \pi) + Ne^2}$$

Em que *deff* é o efeito do desenho, 1,96 é a abscissa da curva normal, π é a proporção esperada de vitimização, *N* é o tamanho da população e *e* é o erro absoluto.

Uma das dificuldades encontradas para a seleção da amostra foi a inexistência do número de alunos por turma, somente sendo disponível o número de alunos e de turmas por escola. Portanto, na seleção amostral, considerou-se a média de alunos por turma, quando necessário.

Para a seleção amostral das escolas e turmas foi empregado o software *R* 2.7.1 nos *packages* *pps* e *sampling*. No quadro 3 estão detalhadas as informações sobre a amostragem realizada.

Estratos	População ¹	Escolas	Turmas	Amostra	Turmas sorteadas	Amostra final obtida
Escolas				Calculada		
Estadual	10700	103	265	160	5	169
Privada	7739	208	193	160	4	133
Total	18439	311	458	320	9	302

Quadro 3 : Distribuição do número de alunos por escolas públicas e privadas da cidade do Recife, 2007.

Nota: Número de alunos na população escolar segundo dados da secretaria estadual de educação de Pernambuco.

O total de questionários que compuseram o banco original foi 366. Foram excluídos do banco analisado, 6 sujeitos abaixo da idade de 15 anos, 7 sujeitos acima da idade de 19 anos, 5 sujeitos que não informaram a idade e 46 adolescentes que nunca ficaram e nem namoraram. Perfazendo um total de 302 questionários válidos para a análise.

Como se pode constatar no quadro acima, o número total de adolescentes investigados em Recife foi de 302. O cálculo do número de turmas foi realizado dividindo o total de alunos no estrato pelo número de turmas, a fim de saber a média de alunos por turma naquele estrato, já que essa informação não foi prestada pela Secretaria Estadual de Educação.

Em seguida, o número amostrado em cada estrato foi dividido por essa "média" de alunos por turma e arredondado para cima.

6.7 Variáveis do estudo

6.7.1 Variáveis independentes

Para descrever o perfil da vítima de violência física foram estudadas as seguintes variáveis:

- a) **Idade:** em anos.
- b) **Sexo:** Masculino ou feminino.
- c) **Cor da pele:** 1 - Branca, 2 - Preta, 3 - Parda, 4 - Amarela/indígena.
- d) **Religião:** 1- Sim, 2 - Não.
- e) **Escolaridade do Pai/mãe/ responsável:** 1- Não sabe ler e escrever, 2 - Ensino fundamental incompleto, 3 - Ensino fundamental completo, 4 - Ensino médio incompleto, 5 - Ensino médio completo, 6 - Superior incompleto, 7 - Superior completo, 8 – Não sei, 9 – Não tenho pais/responsáveis.
- f) **Estrutura Familiar:** número de pessoas que habitam no mesmo domicílio. Pai, mãe, padrasto, madrasta, avós, irmãos, amigos, colegas, marido, esposa, sozinho, outros parentes.
- g) **Estrato Social:** Critério de Classificação Econômica da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP): Aspirador de pó, automóvel, banheiro, empregada doméstica/mensalista/diarista, geladeira sem freezer, geladeira duplex ou freezer, máquina de lavar roupas, rádio, TV (cores), vídeo cassete/DVD. A+B= estrato elevado e C+D+E= estrato popular

- h) **Trabalho:** se o adolescente trabalha. 1- Sim, recebendo salário/remuneração; 2 - Sim, não recebendo salário/remuneração; 3 - Não.
- i) **Auto-estima:** como o adolescente se sente em relação a ele mesmo, seu corpo, sentimentos, experiências de vida e expectativas em relação ao futuro (Escala de Rosenberg, 1989). 1- Concordo totalmente; 2 – Concordo; 3 – Discordo; 4 – Discordo totalmente.

- Situação amorosa/afetiva em relação ao par vivenciada 1 ano anterior

- a) **Situação Amorosa:** se o adolescente já se apaixonou por alguém. 1- Sim na maioria das vezes que me apaixonei fui correspondido (a); 2 - Sim, na maioria das vezes que me apaixonei não fui correspondido(a); 3 - Nunca me apaixonei
- b) **Relação Amorosa:** se o adolescente já ficou/namorou alguém. 1 – Meninas, 2 –Meninos; 3 – Ambos; 4 – Nunca namorei/fiquei.
- c) **Idade que começou a ficar.** 1- anos; 2- Nunca “fiquei” com ninguém.
- d) **Número de pessoas que já ficou.** 1 – Pessoas (escrito); 2- Nunca “fiquei” com ninguém.
- e) **Idade que começou a ter namorados.** 1- anos (escrito); 2- Nunca “namorei” com ninguém.
- f) **Número de pessoas que você já namorou.** 1- Pessoas (escrito); 2 -Nunca “namorei” com ninguém.
- g) **Início das atividades sexuais.** 1- Sim, idade; 2 – Nunca transei.
- h) **Número de pessoas que você transou.** 1- nenhuma; 2 - uma pessoa; 3 – 2 a 5 pessoas; 4 – 6 ou mais pessoas.

- Violência na família, na escola e na comunidade

- a) **Violência dos pais/ responsáveis** - Agressão verbal, agressão severa e agressão menor perpetrada pelo pai/responsável do sexo masculino e mãe/responsável do sexo feminino. 1 – muitas vezes; 2 – algumas vezes; 3 – já, mas não no ultimo ano; 4 – nunca; 5 – não convivi com ele/ela.
- b) A agressão verbal é caracterizada por xingamentos, insultos, depreciações e humilhações. A agressão menor é caracterizada por empurrar, jogar algum objeto, puxar cabelo e por ultimo a agressão severa caracteriza-se por morder, bater, esmurrar, utilizar arma ou faca.
- c) **Briga entre irmãos.** 1- muitas vezes; 2 – poucas vezes; 3 – nunca; 4 – não convivo com irmãos.
- d) **Violência na escola e comunidade.** 1- sim; 2 – não.
- e) **Itens de violência sofrida:** Ele(a) jogou algo em mim; Ele(a) me bateu, chutou ou deu um soco; Ele(a) me deu um tapa ou puxou o meu cabelo; Ele(a) me empurrou ou me sacudiu.

6.7.2 Variável Dependente

A variável dependente do estudo foi a “violência física sofrida entre namorados”, numa medida sintética da mesma de acordo com a escala CADRI (Anexo A).

Violência entre namorados: *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory-CADRI* (WOLFE et al., 2001). É uma escala utilizada para avaliar a violência nos relacionamentos afetivos entre adolescentes. Possui 70 itens; 25 aferem violência sofrida, 25 violência perpetrada e 20 são itens que distraem o jovem da ênfase no tema da violência, não fazendo parte da análise da escala. Cada pergunta da escala é duplicada, indagando sobre o comportamento do jovem enquanto perpetrador da ação e como vítima da mesma. As opções de resposta são: 0 - nunca, 1 -raramente, 2 - algumas vezes e 3 - frequentemente. Foi realizada a adaptação transcultural desta escala para a língua portuguesa, (AVANCI et al. 2007).

"É preciso sofrer depois de ter sofrido, e amar, e mais amar, depois de ter amado"

Guimarães Rosa

7 FONTE DOS DADOS

Banco de dados secundários, proveniente da pesquisa VIOLÊNCIA ENTRE NAMORADOS ADOLESCENTES: UM ESTUDO EM DEZ CAPITAIS BRASILEIRAS, gentilmente cedido pelo CLAVES/ENSP/FIOCRUZ em parceria com o Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães.

Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas"
Saint-Exupéry

8 PLANO DE ANÁLISE

Para a descrição do perfil dos adolescentes vítimas de violência física no namoro foi utilizada a estatística descritiva (frequências simples, relativa e média) das variáveis estudadas (sócio-demográficas; auto-estima; situação de trabalho do jovem; situação amorosa).

Para estimar a prevalência da violência sofrida foi considerado caso de violência uma única resposta positiva a um desses itens 1 - raramente, 2 - algumas vezes e 3 – frequentemente.

Para verificar associação entre a violência física sofrida entre os namorados adolescentes e os fatores estudados (violência entre os pais, entre os irmãos, na escola e na comunidade), utilizou-se o teste Qui-quadrado ou exato de Fisher quando necessário. Todas as decisões foram tomadas ao nível de significância de 5%.

"Quando fala o amor, a voz de todos os deuses deixa o céu embriagado de harmonia."

William Shakespeare

9 PROCESSAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

O banco de dados foi digitado e armazenado no Epi-info. As análises foram realizadas no SPSS versão 13.0. Foram apresentadas em forma de tabelas e gráficos, confeccionados, respectivamente, no programa de microinformática Microsoft Excel.

Na fase descritiva, procedeu-se à distribuição de frequência das variáveis e calcularam-se, quando adequado, as medidas de tendência central. A diferença entre as proporções foi avaliada pelo Qui Quadrado. Neste momento foram estudadas todos os tipos de violência.

Na fase analítica, estratificou-se a variável “violência física sofrida” e violência dos pais e irmãos e violência na escola e comunidade, tornando-se a variável de definição do caso. Nesse sentido, testou-se pelo Qui quadrado a hipótese de associação da violência física sofrida com as demais variáveis. A probabilidade máxima de erro aceitável para rejeitar a hipótese nula foi de 5%.

"Amor não se conjuga no passado; ou se ama para sempre, ou nunca se amou
verdadeiramente."

M. Paglia

10 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Mediante a assinatura da carta de anuência (Anexo B) contendo informações sobre o objetivo da pesquisa, o método que seria utilizado e a garantia do sigilo e anonimato da identidade dos casos que seriam estudados, o CLAVES/ENSP/FIOCRUZ autorizou a utilização do banco de dados.

Por tratar-se de uma pesquisa que utilizou dados secundários, apenas a assinatura da carta de anuência foi suficiente, não sendo necessária a elaboração de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Deste modo, após autorização da direção do CLAVES a pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (CPqAM) e foi aprovada sob registro no 402/07 (Anexo C), atendendo aos requisitos pré-estabelecidos na resolução 196 de 10 de outubro de 1996 do Ministério da Saúde, referente ao desenvolvimento de pesquisa científica envolvendo seres humanos, resguardando os princípios éticos da justiça, beneficência e da não maleficência.

Ciúme de Você

Roberto Carlos

Composição: Luiz Ayrão

Se você demora mais um pouco
Eu fico louco esperando por você
E digo que não me preocupa
Procuro uma desculpa
Mas que todo mundo vê
Que é ciúme, ciúme de você
Ciúme de você, ciúme de você
Se você põe aquele seu vestido
Lindo e alguém olha pra você
Eu digo que já não gosto dele
Que você não vê que ele está ficando démodé
Mas é ciúme, ciúme de você
Ciúme de você, ciúme de você
Este telefone que não para de tocar
Está sempre ocupado quanto eu penso em lhe falar
Quero então saber logo quem lhe telefonou
O que disse, o que queria e o que você falou
Só de ciúme, ciúme de você
Ciúme de você, ciúme de você
Se você me diz que vai sair
Sozinha eu não deixo você ir
Entenda que o meu coração
Tem amor demais meu bem e essa é a razão
Do meu ciúme, ciúme de você
Ciúme de você, ciúme de você.

11 RESULTADOS

a) Perfil dos adolescentes vítimas de violência física nas relações de namoro

Dos 302 adolescentes entrevistados, 258 referiram ter sofrido algum tipo de violência. Destes, 58 foram vítimas de violência física.

A amostra analisada foi referente a um total de 58 adolescentes escolares namorados da cidade do Recife vítimas de violência física, sendo 37,9% correspondentes ao sexo feminino, 62,1% correspondente ao sexo masculino. A faixa etária de maior frequência foi a de 15 - 17 anos, 67,2%, seguida de 17 – 19 anos, 32,8%, Cor da pele branca, 42,9%, preta 21,4% e parda 35,7%. Mais da metade desses jovens afirmaram ter algum tipo de religião, 66,1% (tabela 1).

Em relação ao ensino público e privado, houve uma maior proporção da violência sofrida no ensino público, 58,6% em relação ao privado, 41,4%. No que diz respeito ao estrato social, a violência física sofrida predominou o estrato C, D e E (popular) 52,7% em relação ao estrato A1+A2+B1+B2 (elevado) 47,3%, de acordo com os critérios de classificação do IBEP. A escolaridade do pai ou responsável dos adolescentes vítimas de violência física foram mais elevadas entre as pessoas que possuíam ensino médio. Em relação a escolaridade de mãe notou-se uma proporção inversa predominando o ensino superior 40,4%, em relação ensino médio 38,5% (tabela 1).

Tabela 1 - Distribuição dos dados socioeconômicos dos namorados adolescentes vítimas de violência física Recife, 2008.

Variáveis Sócio-Demográficas	Vítima Violência Física	
	N	%
Sexo		
Feminino	22	37,9
Masculino	36	62,1
Total	58	100
Faixa etária		
15-17 anos	39	67,2
17-19 anos	19	32,8
Total	58	100
Cor da pele		
Branca	24	42,9
Preta	12	21,4
Parda	20	35,7
Amarela/Indígena	0	0
Total	56	100
Religião		
Sim	37	66,1
Não	19	33,9
Total	56	100
Escola		
Pública	34	58,6
Privado	24	41,4
Total	58	100
Estrato social		
A1+A2+B1+B2	26	47,3
C+D+E	29	52,7
Total	55	100
Escolaridade do pai		
Não sabe ler e escrever	1	1,9
Ensino fundamental	10	19,2
Ensino médio	21	40,4
Superior	20	38,5
Total	52	100
Escolaridade da mãe		
Não sabe ler e escrever	4	7,7
Ensino fundamental	7	13,5
Ensino médio	20	38,5
Superior	21	40,4
Total	52	100

b) Estrutura Familiar

Mais da metade (57%) destes adolescentes que sofreram violência física habitam com o pai e a mãe, 21% moram apenas com a mãe e 10,3% moram em outros arranjos familiares, 10,3% (tabela 2).

A maioria desses jovens não trabalham, 87,9% e dentre os que referiram trabalhar, apenas 5,2% recebe salário/remuneração (tabela 2).

Tabela 2 – Distribuição da estrutura familiar e trabalho dos namorados adolescentes vítimas de violência física Recife, 2008.

	Vítima Violência Física	
	N	%
Arranjos familiares		
Pai e mãe	33	56,9
Apenas mãe	12	20,7
Mãe e padrasto	3	5,2
Apenas pai	3	5,2
Pai e madrasta	1	1,7
Outros arranjos	6	10,3
Total	58	100
Trabalho do jovem		
Sim, recebendo salário/remuneração	3	5,2
Sim, não recebo salário/remuneração	4	6,9
Não	51	87,9
Total	58	100

Em relação a autoestima, os adolescentes referiram média autoestima, 48,1%, seguida de baixa autoestima 28,8% e alta autoestima 23,1% como mostra a tabela 3.

Tabela 3 - Caracterização da autoestima e violência física sofrida entre os namorados adolescentes Recife, 2008.

Autoestima	Vítima violência Física	
	N	%
Alta	12	23,1
Média	25	48,1
Baixa	15	28,8
Total	52	100

Nota: retitados 6 missing.

c) Situação amorosa/afetiva

Em relação à situação afetiva/amorosa destes adolescentes, aproximadamente, 57%, referiram já ter se apaixonado e ser correspondido, onde a maior proporção foi encontrada no sexo feminino 63,6%. Em relação à condição de apaixonar-se e não ser correspondido, 34,5% relatou tal fato com a maior proporção para o sexo masculino, 36,1%. Apenas 8,6% nunca se apaixonou, com maior relato também no sexo masculino 11,1% (tabela 4).

Tabela 4 - Distribuição da situação afetiva/amorosa dos namorados adolescentes vítimas de violência física do Recife 2008.

Situação afetiva/amorosa	Vítima Violência Física					
	Feminino		Masculino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Apaixonar-se						
Sim, fui correspondido	14	63,6	19	52,8	33	56,9
Sim, não fui correspondido	7	31,8	13	36,1	20	34,5
Nunca me apaixonei	1	4,5	4	11,1	5	8,6
Total	22	100	36	100	58	100

O “ficar/namorar” é um comportamento bastante comum aos jovens do Recife onde 100% da amostra referiram tal atitude. Quando estratificamos com as variáveis “ficar”, “namorar” e “transar” (sexo), o “ficar” correspondeu a 98,3% da amostra total, com proporção de 95,5% no sexo feminino e no sexo masculino um relato de 100% (tabela 5).

O “namorar” correspondeu a um total de 90,9% no sexo feminino e 86,1% para o sexo masculino (tabela 5).

O “transar” correspondeu a um total de 55,2% com maior proporção para o sexo masculino, 61,1%, revelando que os jovens já iniciaram mais cedo suas atividades sexuais. A proporção para as meninas foi de 45,5% (tabela 5).

Tabela 5 - Distribuição das relações amorosas dos namorados adolescentes vítimas de violência física do Recife, 2008.

Relações Amorosas	Vítima Violência Física						p valor
	Feminino		Masculino		Total		
	N	%	N	%	N	%	
Ficar							
Sim	21	95,5	36	100	57	98,3	
Não	1	4,5	0	0	1	1,7	
Total	22	100,0	36	100,0	58	100,0	0,379
Namorar							
Sim	20	90,9	31	86,1	51	87,9	
Não	2	9,1	5	13,9	7	12,1	
Total	22	100,0	36	100,0	58	100,0	0,698
Transar							
Sim	10	45,5	22	61,1	32	55,2	
Nunca_transei	12	54,5	14	38,9	26	44,8	
Total	22	100,0	36	100,0	58	100,0	0,285

Em relação ao comportamento homossexual/heterossexual desses jovens, a maior parte das meninas “ficou/namorou” exclusivamente com meninos e apenas 1 caso referiu ter tido experiências afetivas com meninas (tabela 6).

Em relação aos meninos, 100% ficaram/namoraram exclusivamente com meninas. Não houve relato de ter sofrido violência física e ter ficado com pessoas do mesmo sexo. (tabela 6).

Tabela 6 - Caracterização da orientação sexual dos namorados adolescentes vítimas de violência física Recife, 2008.

Caracterização das relações	Vítima Violência Física					
	Feminino		Masculino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Namorou/ficou						
Meninas	1	4,5	36	100	37	63,8
Meninos	21	95,5	0	0	21	36,2
Total	22	100,0	36	100,0	58	100,0

O início dos relacionamentos amorosos ocorreu para as meninas em idade média de 12,6 anos com desvio padrão de 1,4 e para os meninos aos 11,9 anos com desvio padrão de 2,4. O número médio de pessoas com quem as meninas

“ficaram” foi de 12,5 e os meninos 27,5, ou seja os meninos ficaram mais que o dobro das meninas. Não foi percebido diferenças substanciais entre os sexos.

A idade média que os adolescentes começaram a “namorar” foi de 14,4 para as meninas e 13,9 anos para os meninos. O número médio de pessoas que já “namoraram” até hoje é de 1,9 para as meninas e 2,8 pessoas para os meninos.

Não foi observada diferença entre a média da idade que os namorados adolescentes começaram a “transar”. Em relação ao número de parceiros nas diversas experiências afetivas sexuais (ficar, namorar e transar), os meninos destacam-se com maior frequência como revela a tabela 7.

Tabela 7 - Distribuição das características das atividades afetiva e sexual dos namorados adolescentes Recife, 2008.

Atividades afetiva e sexual	Vítima Violência Física				
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio
Idade que começou a ficar¹					
Feminino	21	10	15	12,6	1,363
Masculino	36	6	16	11,9	2,39
Quantas pessoas já "ficou" ²					
Feminino	21	1	40	12,5	10,438
Masculino	34	2	100	27,5	33,159
Idade que começou a namorar					
Feminino	19	11	16	14,4	1,529
Masculino	31	9	19	13,9	2,232
Quantas pessoas já namorou³					
Feminino	20	1	5	1,9	1,071
Masculino	29	1	9	2,8	1,897
Idade que começou a transar⁴					
Feminino	10	10	16	14,6	1,776
Masculino	21	12	17	14,8	1,179
Quantas pessoas já transou					
Feminino	7	1	1	1	0
Masculino	17	1	6	2,6	1,873

1. Excluído informação de 1 adolescente com valor 6; 2 Excluído 6 informações dos adolescentes com valores entre 100 e 151; 3. Excluído informação de 1 adolescente com valor 4; 4. Excluído informação de 1 adolescente com valor 51

d) Relações afetivas estabelecidas

Os jovens que já ficaram ou namoraram durante o último ano e sofreram violência física, estabelecem dinâmicas de relações afetivas diferenciadas, revelando uma multiplicidade de formas de agir perante os parceiros nessa faixa etária. Dentre essas relações temos: “Ficar” ou “namorar” exclusivamente com uma pessoa nesse período, representou 84,2%, apresentando maior proporção para o sexo feminino 86,4%.

“Ficar” sem compromisso representou 78,9%, também atingindo maior proporção nos meninos 91,4%. Sair em grupo para namorar/azarar representou 68,4%, em maior proporção para o sexo masculino, 80%.

“Ficar” ou namorar com pessoas diferentes representou 40,4%, com maior proporção para os meninos, 47,2% e 14,3% mantiveram relação de noivado ou casamento com maior proporção para o sexo feminino 31,8% (tabela 8).

Tabela 8 – Distribuição da dinâmica das relações estabelecidas entre os namorados adolescentes vítimas de violência física Recife, 2008.

Dinâmica das relações afetivas	Vítima Violência Física					
	Feminino		Masculino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Ficar/namorar com uma pessoa exclusivamente	19	86,4	29	82,9	48	84,2
Ficar com 1 pessoa sem compromisso	13	59,1	32	91,4	45	78,9
Sair em grupo para paquerar ou azarar	11	50	28	80	39	68,4
Ficar /namorar com pessoas diferentes	6	28,6	17	47,2	23	40,4
Noivado/casamento	7	31,8	1	2,9	8	14,3

Quando aplicado o questionário, foi solicitado aos jovens que pensassem na pessoa que está ficando ou namorando atualmente, pois todas as questões seriam sobre esta pessoa. Dessa forma, poderiam evitar falhas de memória, tendo em vista os relacionamentos ou vivências recentes.

Desses, 57,4% informaram que pensaram na última pessoa que haviam ficando/namorado, 37% responderam que pensaram em alguém que está ficando/namorando e 5,6% pensaram na noiva ou com quem estava casado.

A duração dos relacionamentos com a pessoa escolhida variou de 1 a 2 anos, 24,6%, de 1 a 6 meses, 22,8%, e de 1 semana e 1 mês, 19,3%.

Em relação ainda a essa pessoa escolhida, mais da metade desses jovens, 53,4%, referiu “ser muito importante”, seguido da categoria “importante”, 22,4%, “pouco importante”, 13,8% e “não muito importante”, 10,3%.

Os jovens do Recife referiram em maior proporção “brigar poucas vezes” com percentual de 55,2%. Porém chama-se a atenção para a variável “brigou sempre, muitas vezes”, pois a mesma apresentou um percentual relevante 24,1 %, refletindo um alto percentual de conflitos e desentendimentos que provavelmente irão gerar esse tipo de violência. Apenas 20,7% dos jovens referiram nunca ter brigado com o par (tabela 9).

Tabela 9 - Distribuição das características da relação com o par escolhido (a) para responder a escala CADRI segundo sexo Recife, 2008.

Caracterização da relação com par escolhido(a)	Feminino		Masculino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Última pessoa com quem fiquei/namorei	9	42,9	22	66,7	31	57,4
Alguém que estou ficando namorando atualmente	10	47,6	10	30,3	20	37
Alguém de quem estou noivo ou casado	2	9,5	1	3	3	5,6
Total	21	100	33	100	54	100
Duração da relação com a pessoa escolhida						
1 a 2 anos	8	36,4	6	17,1	14	24,6
1 a 6 meses	2	9,1	11	31,4	13	22,8
1 semana e 1 mês	0	0	11	31,4	11	19,3
6 a 11 meses	4	18,2	3	8,6	7	12,3
< 1 semana	3	13,6	3	8,6	6	10,5
3 a 7 anos	5	22,7	1	2,9	6	10,5
Total	22	100	35	100	57	100
Importância da pessoa escolhida						
Muito importante	17	77,3	14	38,9	31	53,4
Importante	2	9,1	11	30,6	13	22,4
Não muito importante	1	4,5	5	13,9	6	10,3
Um pouco importante	2	9,1	8	16,7	6	13,8
Total	22	100	36	100	58	100
Frequência das brigas						
Poucas vezes	11	50	21	58,3	32	55,2
Sempre/muitas vezes	9	40,9	5	13,9	14	24,1
Nunca	2	9,1	10	27,8	12	20,7
Total	22	100	36	100	58	100

e) Prevalência da violência física sofrida pelos adolescentes namorados do Recife em 2008.

A prevalência da violência total sofrida na amostra de 302 adolescentes, estimou 258 casos de violência sofrida com percentual de 87,2% com maior proporção no sexo masculino 89,1% (tabela 10).

Quando estratifica-se por violência física sofrida, a prevalência encontrada foi 19,6%, com maior proporção no sexo masculino (28,1%), sendo encontrado associação estatisticamente significativa com sexo com $p < 0,002$ (tabela 10).

Tabela 10 – Distribuição da prevalência da violência física sofrida entre namorados adolescentes, segundo sexo Recife, 2008

Prevalência da Violência	Feminino		Masculino		Total		p valor
	N	%	N	%	N	%	
Violência Sofrida ¹	144	85,7	114	89,1	258	87,2	0,484
Violência Física Sofrida	22	13,1	36	28,1	58	19,6	0,002

Nota: 1 – Foram retirados da amostra total 6 missing.

Analizando os itens de violência física mais sofrida pelos jovens de Recife, encontrou-se: ele (a) me deu um tapa ou puxou meu cabelo 48,3%, seguido de ele (a) jogou algo em mim, correspondendo a 47,4%, ele (a) me bateu, chutou ou deu um soco 32,8% e por último ele (a) me empurrou ou me sacudiu, como revela a tabela 11. Neste caso, os jovens possuíam mais de uma opção de resposta.

Tabela 11 - Itens de violência física sofridos pelos namorados adolescentes Recife, 2008

Itens de violência Física sofrida N=58	N	%
Ele(a) me deu um tapa ou puxou o meu cabelo	28	48,3
Ele(a) jogou algo em mim	27	47,4
Ele(a) me bateu, chutou ou deu um soco	19	32,8
Ele(a) me empurrou ou me sacudiu	24	14,4

f) Prevalência da violência física e associação com as variáveis independentes

Ao buscarmos possíveis associações com determinadas situações de risco ou vulnerabilidade para esse tipo de violência entre os jovens, observamos que sofrer violência por parte dos pais ou responsáveis é considerado situação de risco.

Apesar das agressões verbais por parte do pai ou da mãe/responsáveis apresentarem uma maior proporção, não foi encontrado associação estatisticamente significativa.

No que diz respeito às agressões menor e severa por parte da mãe e do pai, foi encontrada associação positiva para a agressão menor com $p < 0,003$ e para a agressão severa $p < 0,001$, em relação a mãe.

Quando analisa-se as agressões por parte do pai foi encontrada associação com $p < 0,004$ para as agressões menor, como revela a tabela 12.

Tabela 12 - Associação da violência física sofrida e violência dos pais ou responsáveis dos namorados adolescentes Recife, 2008

	Vítima Violência Física		
Violência dos pais	N	%	p-valor
Pai/responsável do sexo masculino			
Agressão menor			
Sim	25	48,1	0,004
Não	27	51,9	
Total	52	100	
Agressão Verbal			
Sim	36	69,2	1,000
Não	16	30,8	
Total	52	100	
Agressão severa			
Sim	15	28,8	0,004
Não	37	71,2	
Total	52	100	
Mãe/ responsável do sexo feminino			
Agressão menor			
Sim	40	71,4	0,003
Não	16	28,6	
Total	56	100	
Agressão Verbal			
Sim	51	91,1	0,053
Não	5	8,9	
Total	56	100	
Agressão severa			
Sim	27	48,2	< 0,001
Não	29	51,8	
Total	56	100	

Os namorados adolescentes vítimas de violência física, referiram brigar com seus irmãos em 68%. Quando buscou-se associação entre sofrer violência física e

brigar entre os irmãos, foi encontrado associação positiva entre as mesmas com $p < 0,001$ (tabela 13).

Tabela 13 - Associação entre ocorrência da violência física e fatores de risco relacionados à violência sofrida entre irmãos dos namorados adolescentes Recife, 2008.

Violência entre irmãos	Vítima de violência física		p-valor
	N	%	
Sim	34	68	0,001
Não	16	32	
Total	50	100	

Os adolescentes namorados vítimas de violência física, referiram em 63,8% ter também sofrido violência na escola e 67,9% violência na comunidade. Não foi encontrado associação estatisticamente significativa apesar das altas proporções encontradas. (tabela 14).

Tabela 14 - Associação entre ocorrência da violência física e fatores de risco relacionados à violência sofrida na escola e comunidade entre namorados adolescentes Recife, 2008.

	Vítima de violência física		p-valor
	N	%	
Violência na escola			
Sim	37	63,8	0,028
Não	21	36,2	
Total	58	100	
Violência na comunidade			
Sim	38	67,9	0,017
Não	18	32,1	
Total	56	100	

12 DISCUSSÃO

Limitações metodológicas:

Ao discutir nossos resultados chamamos a atenção para as diferenças das escalas de mensuração que os outros estudos utilizam como por exemplo CIR – Conflict in relationship, (WOLFE et al., 1998), utilizada para agressão física; (DEBLINGER et al 2000), para aferir atitudes; RASA – Relationship attitudes survey for adolescents, TOSCA- Test of self conscious affect for adolescent , (TANGNEY et al, 1991) para aferir emoções.

Apesar de ter investigado apenas a vitimização física, a literatura mostra que diversas formas de violência convivem na mesma relação, configurando um quadro de polivitimização e que muitas vezes se inicia com a violência psicológica e ameaças culminando na violência física.

Ao estudar a vitimização da violência física estamos revelando apenas uma das faces das diversas naturezas que são impressas na dinâmica das relações, como por exemplo a violência psicológica e física, violência psicológica e sexual.

Alguns estudos como o de Straus e Ramirez, 2007 no México e Leadbeater et al, 2008 no Canadá, têm mostrado que não existe apenas a vítima e sim vítima e perpetrador, ou seja, uma reciprocidade dos atos violentos. Contudo como a magnitude da violência física é o que é visível, percebida e denunciada, nos casos graves, é necessário compreender em que situação ela ocorre.

Inicialmente será discutida a magnitude da violência nas relações de namoro entre adolescentes e os aspectos mais relevantes do seu perfil, incluindo circunstâncias e consequências do fenômeno, características das vítimas e os fatores associados à violência entre namorados. Posteriormente serão levantadas hipóteses para explicar a ocorrência deste fenômeno revelado no estudo.

Os inquéritos populacionais para investigação da prevalência da violência no namoro são amplamente empregados nos países da América do Norte e Europeus.

Embora não se mensure a real magnitude do problema nesse estudo, a fração revelada já é suficiente para tratar o fenômeno como uma questão de saúde pública, em função da transcendência social, pois acarreta consequências não apenas físicas, mas, principalmente, psicológicas, e da vulnerabilidade, uma vez que é passível de prevenção.

A maioria dos estudos que abordam esta temática foca o uso da violência física e comportamento abusivo entre os adolescentes (CYR et al., 2006; JAKSON, 1999; RIVERA et al., 2007), apesar de haver uma associação no uso das mesmas (física e sexual, física e psicológica) nas relações de namoro. Segundo Price et al (1999), isto é um fato tendo em vista a “aceitação” por parte dos meninos e meninas como demonstração de cuidado e ciúmes.

Quanto ao perfil das vítimas de violência física na cidade do Recife a maior frequência ocorreu no sexo masculino, ou seja, as meninas batem e agredem mais, como revelou o estudo de Sears et al, (2006) em uma faixa etária mais tenra (15-17anos) demonstrando a falta de maturidade de em resolver conflitos através do diálogo. Ainda segundo esse estudo, é mais compreensível um garoto sofrer abusos físicos por parte das meninas que o contrário. Ele seria severamente repreendido e em relação às meninas não é visto com tanta seriedade (SEARS et al, 2006).

O estudo de Archer (2000), também concluiu que as meninas agredem mais fisicamente os meninos na faixa etária de 14 aos 22 anos.

Spencer e Bryant (2000) estudando apenas vitimização da violência física revelaram que os meninos reportam um nível maior de violência física (11%) em relação às meninas (8%), corroborando os achados da cidade do Recife, contradizendo o imaginário social que as mulheres são as maiores vítimas da violência física nas relações amorosas desde jovem

Alguns meninos e meninas acreditam que a violência física pode ser “aceita” nas relações de namoro como demonstração de prova de amor (GAGNÉ; LAVOIE, 1993 apud SWART et al., 2002).

Cor da pele não é consensual entre os estudos de vitimização para a violência no namoro tendo em vista a pouca clareza como fator de risco ou proteção. (MALIK et al., 1991). Esses resultados são pouco investigados na literatura ,

impossibilitando comparações e discussões mais consistentes. No nosso estudo observou-se uma maior vulnerabilidade para a cor da pele branca.

Em relação a religião, os estudos de Gover (2004) e Howard et al., (2003) revelam que ter algum tipo de religião é um fator de proteção para a violência física no namoro. Os achados de Recife mostraram o inverso uma vez que as maiores proporções dos que sofreram violência física referiram ter algum tipo de religião.

A escolaridade dos pais é fator de risco para a violência no namoro. Quanto mais alto o nível socioeconômico maior o risco tendo em vista muitas horas de trabalho e menor monitoramento dos filhos, de acordo com o estudo de Tourigny et al., (2006). No nosso estudo em relação à escolaridade do pai observou-se uma maior proporção de violência para escolaridade no ensino médio, seguido de nível superior.

Em relação à escolaridade da mãe nosso estudo revelou o inverso. As maiores proporções de violência foram encontradas no nível superior. Uma hipótese levantada seria as mudanças nos núcleos familiares, onde a mulher passou a ser chefe de família, necessitando melhor qualificação para competir por melhores salários no mercado de trabalho.

Morar ou habitar com os pais é um fator de proteção para a violência no namoro de acordo com o estudo de Gover (2004) uma vez que a família supervisiona os mesmos desencorajando-os a se envolverem em comportamentos de risco. O estudo revelou que a maioria dos jovens habitam com o pai e a mãe. Outro arranjo familiar encontrado com proporção expressiva foi habitar com a mãe, corroborando com os dados mencionados acima no que diz respeito as mudanças familiares e busca de melhor posição profissional pela mulher.

Castel (1991) observou que as mudanças ocorridas no modelo familiar denotam a busca de novos sentidos e adaptações à realidade. A definição dos papéis de homens e mulheres na divisão do trabalho e interior das famílias gerou um grande impacto no processo de globalização nas sociedades. Essas mudanças ocorridas no modelo familiar são oriundas do aumento do número de divórcios e separações atingindo todos os estratos sociais.

A baixa auto-estima é um fator preditor para a violência no namoro como referem os estudos de Jezl, Molidor, Wright, (1996); Lavoie; Vézina,(2002); O'keefe; Treister, (1998); Pirog-Good, (1992); Sharpe; Taylor, (1999, apud FERNET, 2005). As maiorias dos jovens do Recife referiram média auto-estima, enquanto que perto dos 29% dos entrevistados referiram baixa auto-estima.

Lavoie (2000), revelou em seu estudo que experiências violentas no namoro podem provocar importantes mudanças na segurança, confiança em si, podendo o jovem desenvolver atitudes anti-sociais como dificuldade de manter relações sociais e atividades cotidianas.

No que se refere as qualidades das relações amorosas os achados do Recife revelaram que os adolescentes namorados apaixonaram-se e foram correspondidos. O “ficar” foi um comportamento referido por todos os jovens demonstrando ser uma prática bastante comum. O “namorar” foi referido pela maioria dos jovens e mais evidente no sexo masculino como o dobro de parceiros em relação ao sexo feminino. O “transar” foi mais referido no sexo masculino, em idade mais jovem e como o dobro de parceiros em relação as meninas.

Pudemos observar que aqui no Recife essas dinâmicas são mais experienciadas no sexo masculino em relação ao feminino. No que diz respeito aos relacionamentos mais estáveis e parceiros exclusivos, pudemos observar uma maior proporção no sexo feminino evidenciando que as meninas preferem relações mais estáveis e duradouras (idéia do amor romântico).

Lavoie e Vézina (2002) referem que os adolescentes que iniciam a vida sexual antes da faixa etária de 13 anos, são mais vitimizados em relação aos que o fazem mais tardiamente. Quanto mais cedo o início dessas práticas, maior o risco para a violência no namoro, bem como o número de parceiros.

Conhecer e conviver com jovens com experiências de violência é considerado um fator de risco para a violência no namoro, tendo em vista que a violência é justificada e aceita como normal (ARRIAGA; FOSHEE, 2004; BENEFIELD et al., 2004; LAVOIE et al., 2001; REUTERMAN; BURCKY, 1989 apud HOWARD, 2005).

No contexto comunitário na cidade do Recife apesar de não ter sido encontrado associação com a violência física sofrida e violência na comunidade e escola, houve uma proporção expressiva para vitimização de violência física.

Os estudos sobre as consequências da exposição à violência comunitária indicam que os efeitos da violência nos indivíduos incluem desde alterações fisiológicas e psicológicas até consequências de âmbito interpessoal, tais como a percepção e concepção da moral e justiça, a perspectiva de futuro e desenvolvimento pessoal e estabelecimento de redes e conexões inter-relacionais (BENETTI et al., 2006).

Já no contexto familiar do Recife, foi encontrado associação com a violência física sofrida entre os adolescentes namorados, violência dos pais e dos irmãos. Em relação a violência dos pais encontrou-se associação com agressão menor (xingamentos, depreciações) e agressão severa (empurrões, tapas).

A família é percebida não só como uma entidade que pode viabilizar certos comportamentos agressivos nos seus membros, mas que pode também levá-los a interiorizar valores ideológicos e sociais, reforçando o que diz a teoria do aprendizado social que o que é vivenciado pode ser acatado e tolerado. Este comportamento pode ser transcendido aos irmãos, tios e avós, onde estes últimos estão incluídos em outros arranjos familiares.

Adolescentes ameaçados por pessoas que deveriam protegê-las e amá-las estão mais vulneráveis e suscetíveis a violência em outros âmbitos sociais. Yanes e González (2000) observaram que os jovens expostos a contexto familiar violento, tendem a mostrarem-se agressivos nas relações com os pares. É possível que essa tendência se revele mais grave com o passar do tempo, à medida que aumente o compromisso.

13 CONCLUSÕES

Este estudo trouxe contribuições acerca do mundo dos adolescentes ainda pouco investigado no nosso país desvendando o que é velado para uns e vivenciado por outros.

Com os resultados encontrados podemos concluir que a violência no namoro é um fenômeno muito presente na vida dos jovens, revelando uma prevalência similar aos estudos internacionais.

Para que alguém decida romper uma relação violenta, primeiramente necessita saber, entender o que está acontecendo e as conseqüências que isso poderá trazer com a manutenção dessa relação. Dentre os que se vêem em uma relação abusiva, poucos sabem como cessar esse comportamento bem como buscar ajuda.

A ideia romântica de que “o amor pode tudo” faz com que os jovens acreditem que podem modificar seus pares e neste sentido as mulheres são levadas a tolerar a violência de uma forma “natural” nas suas relações muito mais que os homens. Na maioria das vezes o comportamento violento não é um motivo suficientemente forte para o término do relacionamento, mas sim a emoção negativa à ele associada.

Destacamos a aceitação da violência entre os jovens como uma forma de se relacionar onde muitas vezes trás conseqüências preocupantes e sérias como a prática de autodestruição, utilização de drogas, desordens alimentares, práticas sexuais de risco e até mesmo homicídio e suicídio

Faz-se necessário promover uma intervenção precoce, uma vez que os adolescentes sentem-se sozinhos, por muitas vezes, acreditando que ninguém mais pode entender o que se passa, que ninguém dará credito ao que dizem. Esta intervenção deverá ser de uma forma educativa, para que esses jovens tenham uma interpretação adequada das experiências violentas sofridas e que essa prevalência possa ser reduzida, bem como as manifestações mais graves, evitando a construção de relações desequilibradas no futuro.

Os pais têm um papel importante e poderoso para prover apoio e poderão contribuir com informações, ajudando os adolescentes a perceber e identificar os sinais de alerta desse tipo de violência.

A escola é um espaço privilegiado, pois além das suas funções, agrega valores que contribuam para a valorização da vida, a formação integral e o exercício da cidadania.

Construir espaços de diálogo entre adolescentes, jovens, professores, profissionais de saúde e comunidade é comprovadamente uma importante ferramenta para a construção de uma resposta social com vistas à superação das relações de vulnerabilidade. As ações desenvolvidas devem ir além da dimensão cognitiva, levando-se em conta aspectos subjetivos, questões relativas às identidades e às práticas afetivas e sexuais no contexto das relações humanas, da cultura e dos direitos humanos.

Torna-se necessário que novas pesquisas sejam realizadas, tendo em vista os aspectos multifacetados desse tema, além de aprofundar o olhar sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. **Juventude e sexualidade**. Brasília, DF: Unesco Brasil, 2004.

ALDRIGHI, T. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo - Brasil. **Psicologia: Teoria e prática**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 105-120, jun. 2004.

ALMEIDA FILHO, N. de; ROUQUAYROL, M. Z. Desenhos de pesquisa em epidemiologia. In: ALMEIDA FILHO, N. de; ROUQUAYROL, M. Z. **Introdução à epidemiologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 168-207.

ARCHER, J. Sex differences in aggression between heterosexual partners: A meta-analytic review. **Psychological Bulletin**, United Kingdom, v. 126, p. 651-680, 2000.

ARRIAGA, O. B.; OSKAMP, S. The nature, correlates and consequences of violence in intimate relationships. In: ARRIAGA, X. B.; OSKAMP, S. (Ed.). **Violence in intimate relationships**. Thousand Oaks: The Claremont Symposium on Applied Social Psychology, 1999. p. 3-15.

ASHLEY, O.S.; FOSHEE, V. A. Adolescent help-seeking for dating violence: prevalence, sociodemographic correlates, and sources of help. **Journal of Adolescent Health**, New York, v. 36, p. 25-31, 2005.

ASSIS, S. G. et al. A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 669-79, 2003.

ATLAS MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DO RECIFE, versão 1.2.0, 2005. Disponível em: <<http://www.recife.pe.gov.br/modelo.php?id=138&Tipo=D>>. Acesso em: 20 jan. 2010.

AVANCI, J. Q. et al. Adaptação Transcultural de Escala de Auto-Estima para Adolescentes, **Psicologia: revisão e crítica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 397-405, 2007.

AVERASTURI, L. M. G. La violencia em la pareja adolescente. **Horas informativa**, Las Palmas, n. 59, época 2, sep. 2003.

BANDURA, A. **Social Learning Theory**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1973.

BARROSO, Z. **Violência nas relações amorosas**: uma análise sociológica dos casos detectados nos Institutos de Medicina Legal de Coimbra e do Porto, SqciNova. [S.l.]: Colibri, 2007.

BARNETT, O. W.; MILLER-PERRIN, C. L.; PERRIN, R.D. **Family violence across the life span**. Thousand Oaks: Sage, 1997.

BENNETT, L.; FINERAN, S. Sexual and severe physical violence among high school students—power, beliefs, gender, and relationship, **American Journal of Orthopsychiatry**, New York, v. 68, n. 4, p. 645–652, 1998.

BENETTI, S. P. C. et al. Violência comunitária, exposição às drogas ilícitas e envolvimento com a lei na adolescência. **PSICO**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 279-286, set./dez. 2006.

BERGMAN, L. Dating violence among high school students. **Social Work**, [S.l.], v. 37, p. 21-27, 1992.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 32 ed. atual. ampl. São Paulo: Saraiva, 2003.

CANO, A. Teen Dating Violence, california student survey brief. **Journal of Primary Prevention**, California, v. 18, n. 4, p. 431-446, 2003.

CASTEL, R. From dangerousness to risk. In: BURCHELL, G.; GORDON, C.; MILLER, P. (Ed.). **The Foucault effect studies in governmentality**. London: Harvester Wheatsheaf, 1991. p. 281–298.

CASTRO, R. J. S. **Violência nas relações de namoro entre adolescentes do Recife**: em busca de sentidos. 2009. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Saúde Pública) – Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2009.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. In: FRANCHETTO, B.; CAVALCANTI, M. L. V. C.; HEILBORN, M. L. (Org.). **Perspectivas antropológicas da mulher**. São Paulo: Zahar, 1985. p. 35.

COCKER, A. L. et al. Severe Dating Violence and Quality of Life Among South Carolina High School Students, **American Journal of Preventive Medicine**, Columbia, v. 19, n. 4, 2000.

CORREA, O. B. R. **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000.

CYR, M.; MCDUFF, P.; WRIGHT, J. Prevalence and Predictors of Dating Violence Among Adolescent Female Victims of Child Sexual Abuse. **Journal of Interpersonal Violence**, Montreal, v. 21, n. 8, p. 1000-1017, 2006.

DE LA ROSA, E. Violência em el noviazgo: en nombre del amor. **Revista violeta**, Nuevo León, n. 7, p.18 -19, 2005.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2010.

FALEIROS, E. T. S. **Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes**. Brasília, DF: Ministério da Justiça: UNICEF, 2000. Disponível: <http://www.cecilia.org.br/pub/livro_repensando_os_conceitos_eva_publicacoes.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2010.

FEIRING, C. et al. Romantic relationship aggression and attitudes in high school students: The role of gender, grade, and attachment and emotional styles. **Journal of Youth and Adolescence**, New Jersey, v. 31, p. 373–386, 2000.

FERNET, M. **Amour, violence et adolescence**. Québec: Université du Québec, 2005.

FOSHEE, V. A. Gender differences in adolescent dating abuse prevalence, types and injuries health education research. **Theory & Practice**, Chapel Hill, v. 11, p. 275-286, 1999.

GAGNÉ, M.; LAVOIE, F.; HÉBERT, M. Victimization during childhood and revictimization in dating relationships in adolescent girls. **Child abuse & neglect**, Quebec , v. 29, p. 1155-1172, 2005.

GELLES, R. J. **Intimate violence in families**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1997.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.

GOMES, M. C. P. A.; PINHEIRO, R. Acolhimento e vínculo: práticas de integralidade na gestão do cuidado em saúde em grandes centros urbanos. **Interface**: comunicação, saúde, educação, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 287-301, 2005.

GOVER, A. R. **Risky lifestyles and dating violence**: A theoretical test of violent victimization Gainesville: Center for Studies in Criminology and Law, 2004.

HALPERN, C. T. et al. Partner violence among adolescents in opposite-sex romantic relationships: findings from the national longitudinal study of adolescent health. **American Journal Public Health**, Chapel Hill, v. 91, n. 10, p. 1679–1685, 2001.

HICKMAN, L. J.; JAYCOX, L. H.; ARONOFF, J. Dating Violence among adolescents: Prevalence, gender distribution, and prevention program effectiveness. **Trauma, violence & abuse**, Arlington, v. 5, n. 2, p.123-142, 2004.

HOWARD, D. E.; WANG, M. Q. **Risk profiles of adolescent girls who were victims of dating violence, adolescence**. Maryland: [s.n.], 2003.

HOWARD, D. E.; QI WANG, M. **Risk procedures of adolescent girls who were victims of dating violence, adolescence**. Maryland: [s.n.], 2003.

IBGE. **Censo 2000**. Disponível: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 20 fev. 2010.

IZUMINO, W. P.; SANTOS, C. M. Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil. **Revista E.I.A.L.**, [S.l.], v. 16, n. 1, p.1-16, 2005.

JACKSON, S. M. Issues in the dating violence research: A review of the literature. **Aggression and Violent Behavior**, New Zeland, v. 4, n. 2, p. 233-247, 1999.

JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 17, nº 1, p. 61-77, jan./jun. 2005.

KLEIN, C. H.; BLOCH, K. V. Estudos seccionais. In: MEDRONHO, R. A. et al. **Epidemiologia**. São Paulo: Atheneu, 2006. p.125-150.

YANES, C.J. M; GONZÁLEZ, M. R. El Papel de las Creencias en la Transmisión de la Violencia de Pareja. In: FERNÁNDEZ, J.; HERRERO, J.; BRAVO, A. **Intervención Psicosocial y Comunitaria: la promoción de la Salud y la Calidad de Vida**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000. p. 26-30.

LEADBEATER, J. B. et al. Victimization and relation aggression in adolescent romantic relationships: the influence of parental and peer behaviors and individual adjustment. **Journal youth adolescent**, Canadá, v. 37, p.359-372, 2008.

LAVOIE, F.; ROBITAILLE, L.; HERBERT, M. Teen dating relationships and aggression: An exploratory study. **Violence Against Women**, Laval, v. 6, n.1, p. 6-36, 2000.

LAVOIE, F. et al. History of family dysfunction and perpetration of dating violence by adolescent boys: A longitudinal study. **Journal of Adolescent Health**, Canadá, v. 30, p. 375-383, 2002.

LEWIS, S. F., & FREMOUW, W. Dating violence: A critical review of the literature. **Clinical Psychology Review**, Virginia, v. 21, n. 1, p. 105-127, 2001.

MALIK, S.; SORENSON, S. B.; ANESHENSEL, C. S. Community and dating violence among adolescents: perpetration and victimization. **Journal of adolescent Health**, Los Angeles, v. 21, n.5, p. 291-302, 1997.

MARIANO, C. L. S. **Um estudo sobre os relacionamentos amorosos na adolescência**. 2001. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2001.

MARQUES, T. M. **Violência Conjugal: estudo sobre a permanência da mulher em relacionamentos abusivos**. 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005. Disponível em: <http://www.bdtu.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=105>. Acesso em: 20 jan. 2005.

MATOS, M. et al. Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar, São Paulo, **Psicologia: Teoria e Prática**, Portugal, v. 8, n.1, p.55-75, 2006.

MÉNDEZ, R. G. H.; HERNÁNDEZ, J. D. S. **Violência em parejas jóvenes**. Madrid: Ediciones Pirâmide, 2001.

MESSEDER, S. A. Namorei não, peguei: o pegar como uma forma de relacionamento amoroso-sexual entre os jovens. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, 2002, Ouro Preto. **Anais**. Belo Horizonte: Abep, 2002.

MINAYO, M. C.; SOUZA, E. R. As múltiplas mensagens da violência contra idosos. In: MINAYO, M. C.; SOUZA, E. R. (Org.). **Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 223-242.

MOLIDOR, C.; TOLMAN, R. M.; KOBER, J. Gender and contextual factors in adolescent dating violence. **Prevention Research**, Michigan, v. 7, n. 1, p. 1-4, 2000.

NASCIMENTO, F. S.; CORDEIRO, R. L. M. A violência nas relações entre casais de namorados. **Fazendo Gênero: corpo, violência e poder**, Florianópolis, n. 8, ago. 2008.

NOLAND, V. J. et al. Is adolescent sibling violence a precursor to college dating violence? **America Journal of Health Behavior**, Florida, v. 28, p. 13-24, 2004.

O'KEEFE, N. K.; BROCKOPP, K.; CHEW, E. Teen dating violence. **Social Work**, New York, v. 31, p. 465-468, 1986.

O'KEEFE, M. Predictors of dating violence among high school students. **Journal of Interpersonal Violence**, California, v.12, p. 546-568, 1997.

O'KEEFE, M.; TREISTER, L. Victims of dating violence among high school students: Are the predictors different for males and females. **Violence Against Women**, Califórnia, v. 4, n.2, p.195-223, 1998.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Brasília, 2002.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE. **Informe mundial sobre la violencia y la salud: resumen**. Washington, DC, 2002.

PAIVA, C., FIGUEIREDO, B. Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. **Psychologica**, Portugal, v. 36, p.75-107, 2003.

PEREIRA, M. G. Estrutura, vantagens e limitações dos principais métodos. In: _____. **Epidemiologia: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006b. p. 289-306.

PETERS, J.; SHACKELFORD, T. K.; BUSS, D. M. Understanding domestic violence against women: Using evolutionary psychology to extend the feminist functional analysis, School of Social Work, **Violence Victims**, University of Maine, Orono , USA, v.17, p. 255-264, 2002.

PERNAMBUCO. Secretaria Estadual de Saúde. **Plano Municipal de Saúde 2006 - 2009** - Recife Saudável: Inclusão Social e Qualidade no SUS, Recife, 2005.

PRICE, E. L.; BYERS, E. S. Risk factors of adolescent boys' psychologically physically, and sexually abusive behaviours in their dating relationships. **Journal of adolescence**, Toronto, v. 30, p. 487-507, 1999.

PRINCE, J. E.; ARIAS, I. The role of perceived control and the desirability of control among abusive and nonabusive husbands. **American Journal of Family Therapy**, Athens, v. 22, p.126-134, 1994.

PRÓSPERO, M. The Role of Perceptions in Dating Violence Among Young Adolescents, **Journal of Interpersonal Violence**, Houston , v. 21, n. 4, p. 470-484, 2006.

RAIFORD, J. L.; WINGOOD, G. M.; DICLEMENTE, R. J. Prevalence, incidence, and predictors of dating violence: a longitudinal study of African American female adolescents. **Journal Womens Health**, Georgia, v. 16, n.6, p.822-32, 2007.

REUTERMAN, N. A.; BURCKY, W. D. Dating violence in high school: a profile of the victims. Psychology: **American Journal of Human Behavior**, [S.l.], v. 26, n. 4, p. 1–9, 1999.

REDE DE INFORMAÇÃO TECNOLÓGICA LATINO-AMERICANA. **Mapa da violência nos municípios brasileiros**. Disponível em: <http://www.ritla.net/index.php?option=com_content&task=view&lang=pt&id=2313>. Acesso em: 20 jan. 2009.

RIVERA-RIVERA, L.; LAZCANO-PONCE, E.; SALMERÓN-CASTRO, J. Prevalence and determinants of male partner violence against Mexican women: a population-based study. **Salud Publica Mexico**, Cidade do México, v. 46, n.2, p. 113-122, 2004.

RIVERA-RIVERA, L. et al, Violencia durante el noviazgo, depresión y conductas de Riesco en estudiantes femeninas. **Salud Publica Mexico**, Cidade do México, v. 48, supl. 2, 2006.

RIVERA-RIVERA, L. et al. Prevalence and correlates of adolescent dating violence: baseline study of a cohort of 7960 male and female Mexican public school students. **Preventive medicine**, Cidade do Mexico, v. 44, p. 477-484, 2007.

SILVERMAN, J. G. et al. Dating violence against adolescent girls and associated substance use, unhealthy weight control, sexual risk behavior, pregnancy, and suicidality. **JAMA: The Journal of the American Medical Association**, Havard, v. 286, n. 5, p. 572-579, 2001.

SPENCER, G. A.; BRYANT, S. A. University students' dating violence behaviors. **Journal of the New York State Nurses Association**, New York, v. 31, p.15-20, 2000.

STRAUS, M. A. et al. The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. **Journal of Family Issues**, New Hampshire, v. 17, p. 283-316, 1996.

STRAUS, M. A.; RAMIREZ, L. I.; Gender symmetry in prevalence, severity and cronicity of physical aggression against dating partners by University Students in Mexico and USA, **Aggressive Behavior**, Cidade do Mexico, v. 33, p. 281-290, 2007.

SUGARMAN, D. B.; HOTALING, G. T. Dating violence: Prevalence, context and risk markers. In PIROG-GOOD, M. A.; STETS, J. E. (Ed.). **Violence in dating relationships**: Emerging social issues. New York: Pareger, 1990. p. 3-32.

SWART, L. A. et al. Violence in adolescents' romantic relationships: findings from a survey amongst school-going youth in a South African community. **Journal of Adolescence**, Lenasia, v. 25, n. 4, p. 385-395, 2002.

TOURIGNY, M. et al. Incidence et facteurs associés à la violence subie dans les fréquentations amoureuses des adolescents Violence in adolescents' romantic

relationships: Incidence and associated factors. **Revue de Psychoéducation**, Canadá, v. 35, n. 2, p. 323-354, 2006.

VELHO, G. Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: _____. **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: Ed. FGV, 1996. p. 10-24.

VÉZINA, J. HÉBERT, M. Risk factors for victimization in romantic relationships of Young women, A review of empirical studies and implications for prevention, Université Du Québec à Montreal, **Trauma, violence & abuse**, Québec, v. 8, n. 1, 2007.

WATSON, J. M. et al. High school students' responses to dating aggression. **Violence and Victims**, New Jersey, v. 16, p. 339-348, 2001.

WEST, C. M. Black women and intimate partner violence: new directions for research. **Journal Interpersonal Violence**, Washington, DC, v. 19, n. 12, p. 1487-93, 2004.

WIDOW, C. S.; MAXFIELD, M. G. An update on the "cycle of violence". **National Institute of Justice**: research in brief. Washington, DC, Feb. 2001.

WIDOW, C. S.; MAXFIELD, M. G. **An update on the "cycle of violence from the international dating violence study**. Washington, DC, 2004.

WINGOOD, G. M. et al. Dating violence and the sexual health of black adolescent females. **Pediatrics**, Georgia, v. 107, p. 72, 2001.

WOLFE, D. A. et al. Development and validation of the conflict in adolescent dating relationships inventory. **Psychological Assessment**, Ontario, v. 13, p. 277-293, 2001.

WOLFE, D. A. et al. Dating violence prevention with at-risk youth: A controlled outcome evaluation. **Journal of Consulting & Clinical Psychology**, Ontario, v. 71, n. 2, p. 279-291, 2003.

ZALUAR, A. "Violência e criminalidade: saída para os excluídos ou desafio para a democracia?". In: MICELI, S. (Org.). **O que ler para conhecer o Brasil**. São Paulo: Anpocs, 1999. v. 1.

ZALUAR, A.; LEAL, M. C. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo,, v. 16, n. 45, 2001.

Apêndice A - estudos internacionais e nacionais de Prevalência da vitimização física e fatores associados

Quadro 4 Estudos internacionais e nacionais de Prevalência da Vitimização física e Fatores Associados

Autores/Ano publicação	Local/População de estudo	Tipo de estudo	Idade	Amostra	Prevalência			Fatores de risco	Escala Utilizada
O'KEEFE et al, 1986	USA/adolescentes	Transversal	-	n=256	Vitimização Total: 35,5%			Álcool Violência intrafamiliar	-
REUTERMAN e BURCKY, 1989	Midwestern USA/adolescentes do High School, sexo feminino	Transversal	15 a 19 anos	n=123	Vitimização Total: 39%			-	-
FOSHEE, V. A.; 1996	USA/adolescentes da zona rural	Transversal	14 - 15 anos	n=1405		Menina	Menino	-	-
					Vitimização	36,5%	39,4%		
					Leve	29%	34%		
					Moderada	28%	27,4%		
					Severa	14,2%	15%		
MALIK et al, 1997	Los Angeles, USA/adolescentes do High School	Transversal	14 à 17 anos	n=707	Vitimização Total: 38,2% Meninas: 60,3% Meninos: 40%			-	-
BENNETT L; FINERAN S, 1998	USA/ adolescentes do High School	Transversal	-	n= 463	Vitimização Total: 43% para violência física severa			-	-
COCKER, A. et al, 2000	USA/adolescentes High School	Transversal	16 à 18 anos	n= 5414	Vitimização Total: 7,6%			Raça, comportamentos agressivos, uso de substâncias e comportamento sexual de risco	MCTS – STRAUS, 1979 – violência física
MOLIDOR, C; TOLMAN, R, 2000	USA/adolescentes,	Transversal	13 à 18 anos	n=635	Prevalência Total de violência física: 36,4% meninas 37,1% meninos			-	-
SILVERMAN et al, 2001	Massachusetts, USA/adolescentes	2 coortes 1997 e 1999	13-18 anos	(1997) n= 1977	1997 – 20% 1999 – 18%			Uso de substâncias, comportamento	-

	meninas do High School			(1999) n= 2186	Violência física			sexual de risco, gravidez e suicídio	
WATSON et al, 2001	New York, USA/ meninos e meninas	Transversal	16 anos	n= 476	Vitimização: 9% Violência física: 46%			-	-
HALPERN, et al, 2001	USA/adolescentes	Longitudinal	12 à 21 anos	n=7493		Menina	Menino	-	-
					Violência Física	10%	9%		
WINGOOD, G. et al, 2001	Atlanta, USA/meninas negras	Transversal	14-18 anos	n=522	Vitimização Total :18,4%			-	
LAVOIE, F. et al, 2002	Canadá/ Meninos de baixa condição sócio-econômica	Longitudinal		n= 717	Vitimização: 13 a 43%				-
SWART, L. A., 2002	África do Sul/ adolescentes do High School de uma comunidade		13 à 23 anos	n= 928		Menina	Menino	Álcool	Escala adaptada por STRAUS (CTS2), 1996
					Violência física	42%	38%		
FEIRING, C. et al, 2002	USA/adolescentes do High School	Transversal	15 à 16 anos	n= 254	Sexo	Meninas	Meninos		CIR- Conflict in relationship – WOLFE et al, 1998 – agressão física RASA- Relationship attitudes survey for adolescents, DEBLINGER et al, 2000 –Atitudes BSQ-Behavioral systems questionnaire, WEHNER and FURMAN, 1999 TOSCA-A – Test of self conscious affect for adolescent, TANGNEY et al, 1991, emoções
					Agressão Física	23%	15%		
					Idade	14-16 anos	17-19 anos		
					Agressão Física	19%	21%		
HOWARD D; WANG M, 2003	USA/adolescentes do sexo masculino	Transversal	16 à 18 anos	n= 7434	Prevalência total para violência física: 9%				Uso de substâncias, comportamento sexual de risco e suicídio

HOWARD D; WANG M, 2003	USA/adolescentes do sexo feminino	Transversal	16 à 18 anos	n= 7824	1 em 10 adolescentes reportam violência no namoro. Adolescentes com maior idade, maior risco				Comportamentos violentos, tristeza,pensamentos suicidas, uso de substâncias e comportamento sexual de risco
CANO, A. 2003	Califórnia/ adolescentes	Transversal	14-19 anos		Prev. Total	2001/2003	-	-	-
					14-16 anos	5,4/5,2%	-		
					17-19 anos	6,6/8,2%	-		
					2003	Menina	Menino		
					14-16 anos	5,1%	5,1%		
					17-19 anos	9,3%	7%		
GAGNÉ, MH; LAVOIE, F.; HÉBERT, M., 2005	Canadá/adolescentes do sexo feminino do High School	Transversal	15 à 17 anos	n= 917 622 válidos	Vitimização: 13 a 43% Associado ao tipo de violência sofrida: 25 a 37%			Violência extra- familiar , Violência intra-familiar ,principalmente violência sexual	
HOWARD et al, 2005	USA/adolescentes latinos do subúrbio de Washington	Transversal	-		Vitimização Total: 9%				Armas, brigas e pensamentos suicidas para os garotos. Para as meninas brigas.
CYR, M.; McDUFF, P.; WRIGHT, J, 2006	Canadá/ adolescentes do sexo feminino, vítimas de abuso sexual na infância	Transversal	13 a 17 anos	n=126	Violência física: Total: 45,2% Menor: 44% Severa: 21%			Múltiplos parceiros	Escala de agressão psicológica STETS, 1991 CTS2- violência no namoro STRAUS, 1996
RIVERA et al, 2006	México/mulheres	Coorte	12-24 anos	n= 4587	Prevalência Total: 28%			-	
RIVERA, R. et al, 2007	México/adolescentes estudantes de escolas públicas	Transversal	11 à 24 anos	n= 7960	Vitimização: Violência física: 9,9% meninas 22,7% meninos			múltiplos parceiros e violência intra-familiar	
RAIFORD, J. et al, 2007	Georgia, USA/meninas	Longitudinal (1 ano)	14-18 anos	n=522	18,4% violência física			Álcool, drogas	
PRÓSPERO, M., GUPTA,	TEXAS, USA/meninos e	Transversal	18 a 25	n=200	Violência total: 86% Violência Física: 49%			-	

S. V. , 2007	meninas		anos				
ALDRIGH et al, 2004	São Paulo/ Universitários	Transversal	+18 anos	n= 455	Prevalência Total: 21% 78% agressões físicas com maior severidade em ambos os sexos.	-	CTS2 – escala tática de conflitos revisada

Anexo B - Escala CADRI

A PRÓXIMA QUESTÃO PERGUNTA SOBRE COISAS QUE PODEM TER ACONTECIDO DURANTE UMA BRIGA ENTRE VOCÊ E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA. OBSERVE O QUADRO ABAIXO E RESPONDA AS PERGUNTAS 52aa a 52hb DE ACORDO COM O ITEM QUE MELHOR SE APROXIMA DE QUANTAS VEZES ESSAS SITUAÇÕES OCORRERAM ENTRE VOCÊ E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA ATUALMENTE OU NO ÚLTIMO ANO.

NUNCA = NUNCA ACONTECEU NESSE RELACIONAMENTO
SEMPRE = ACONTECEU 6 VEZES OU MAIS NESSE RELACIONAMENTO
AS VEZES = ACONTECEU ENTRE 3 E 5 VEZES NESSE RELACIONAMENTO
RARAMENTE = ACONTECEU 1 OU 2 VEZES NESSE RELACIONAMENTO

52aa. Eu justifiquei os meus argumentos	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ab. Ele/Ela justificou os seus argumentos	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ba. Eu o/a toquei sexualmente quando ele/ela não queria	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52bb. Ele/Ela me tocou sexualmente quando eu não queria	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ca. Eu tentei virar seus amigos contra ele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52cb. Ele/Ela tentou virar meus amigos contra mim	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52da. Eu fiz algo para provocar ciúmes nele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52db. Ele/Ela fez algo para me fazer ciúmes	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ea. Eu destruí ou ameacei destruir algo de valor para ele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52eb. Ele/Ela destruiu ou ameaçou destruir algo de valor para mim	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52fa. Eu disse a ele/ela que eu tinha parte da culpa	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52fb. Ele/ Ela disse a mim que ele/ela tinha parte da culpa	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ga. Eu mencionei algo de ruim que ele/ela fez no passado	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52gb. Ele/Ela mencionou algo de ruim que eu fiz no passado	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ha. Eu joguei algo nele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52hb. Ele/Ela jogou algo em mim	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI

52a. Eu disse coisas somente para deixá-lo (a) com raiva	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52b. Ele/Ela disse coisas somente para me deixar com raiva	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52a. Eu dei as razões pelas quais eu achava que ele/ela estava errado(a).	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52b. Ele/Ela deu as razões pelas quais ele/ela achava que eu estava errado(a).	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ka. Eu concordei que em parte ele/ela estava certo	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52kb. Ele/Ela concordou que em parte eu estava certo(a)	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52a. Eu falei com ele/ela em um tom de voz hostil ou maldoso	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52b. Ele/Ela falou comigo em um tom de voz hostil ou maldoso	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ma. Eu forcei ele(a) a fazer sexo quando ele/ela não queria	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52mb. Ele/ela me forçou a fazer sexo quando eu não queria	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52na. Eu propus uma solução que eu pensei que faria nós dois felizes	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52nb. Ele/Ela propôs uma solução que ele/ela pensou que faria nós dois felizes	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52oa. Eu ameacei ele/ela numa tentativa de fazer sexo com ele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ob. Ele/Ela me ameaçou numa tentativa de fazer sexo comigo	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52pa. Eu parei de falar até que nós nos acalmássemos	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52pb. Ele/Ela parou de falar até que nós nos acalmássemos	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52qa. Eu insultei ele/ela com deprecições	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52qb. Ele/Ela me insultou com deprecições	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ra. Eu discuti o assunto calmamente	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52rb. Ele/Ela discutiu o assunto calmamente	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52sa. Eu beijei ele/ela quando ele/ela não queria	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52sb. Ele/Ela me beijou quando eu não queria que ele/ela o fizesse	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
52ta. Eu disse coisas sobre ele/ela aos seus amigos, paravirá-los contra ele/ela	1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> ÀS VEZES	3. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI

Anexo C – Carta de Anuência

Rio de Janeiro, setembro de 2009.

Vimos por meio deste documento, autorizar a aluna ANDRÉA MARIA LAGES GOMES DE ALMEIDA a utilizar os dados da pesquisa “VIOLÊNCIA ENTRE NAMORADOS ADOLESCENTES. UM ESTUDO EM DEZ CAPITAIS BRASILEIRAS” em sua dissertação de mestrado intitulada “Prevalência da vitimização física e fatores associados à violência entre namorados adolescentes da cidade do Recife, 2008”, desenvolvida no CENTRO DE PESQUISAS AGGEU MAGALHÃES, sob orientação da Dra. Maria Luiza Carvalho de Lima e co-orientação da Dra. Joviana Avanci.

Gostaríamos de ressaltar que a pesquisa está sob a coordenação da equipe original do Rio de Janeiro, constituída por pesquisadores do Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde – Jorge Careli. A aluna Andréa Maria Lages Gomes de Almeida utilizará parte dos dados quantitativos da cidade de Recife, oriundos de questionários de alunos da rede pública e privada da cidade. O processamento dos dados é de responsabilidade do CLAVES. Orientações padronizadas para a pesquisa nas 10 capitais brasileiras estão disponíveis no Manual da Pesquisa, auxiliando o aluno no desenvolvimento do seu trabalho original.

Esclarecemos que a pesquisa original foi aprovada pelo Comitê de Ética da Fundação Oswaldo Cruz. Esperamos que essa parceria seja promissora ao melhor conhecimento da área no país, já que esse é um estudo pioneiro sobre as relações de violência na relação de namoro.

Grata pela colaboração,



Maria Cecília Minayo
Simone Gonçalves de Assis
Kathie Njaine
Coordenadoras da Pesquisa
Pesquisadoras CLAVES/FIOCRUZ
Ministério da Saúde
Fundação Oswaldo Cruz FIOCRUZ
Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli
CLAVES

Anexo D – Parecer CEP



Título do Projeto: Estudo da prevalência e dos fatores associados da violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes do Recife.

Pesquisador responsável: Andréa Maria Lages Gomes de Almeida

Instituição onde será realizado o projeto: CPqAM/Fiocruz

Data de apresentação ao CEP: 07/08/09

Registro no CEP/CPqAM/FIOCRUZ: 38/09

Registro no CAAE: 0036.0.000.095-09

PARECER Nº 50/2009

O Comitê avaliou as modificações introduzidas e considera que os procedimentos metodológicos do Projeto em questão estão condizentes com a conduta ética que deve nortear pesquisas envolvendo seres humanos, de acordo com o Código de Ética, Resolução CNS 196/96, e complementares.

O projeto está aprovado para ser realizado em sua última formatação apresentada ao CEP e este parecer tem validade até 08 de outubro de 2012. Em caso de necessidade de renovação do Parecer, encaminhar relatório e atualização do projeto.

Recife, 08 de outubro de 2009.

Graciele Carmo
 Graciele Carmo
 Farmacêutica
 Coordenadora
 MCT, CAPS 065576
 CPqAM / FIOCRUZ

Observação:

Anexos:

- Orientações ao pesquisador para projetos aprovados;
- Modelo de relatório anual com 1º prazo de entrega para 08/10/2010.

Campus da UFPE - Av. Moraes Rego, s/n
 CEP 50.670-420 Fone: (81) 2101.2639
 Fax (81) 3453.1911 | 2101.2639
 Recife PE Brasil
 comitedeetica@cpqam.fiocruz.br


 Centro de Pesquisas
AGGEU
 MAGALHÃES


FIOCRUZ
 Ministério da Saúde